

JOSÉ AGUDO

GENTE AUDAZ

— — —

SCENAS DA VIDA PAULISTANA

(2.^a SÉRIE)



032

S. PAULO

Emp. Typ. Edit. "O Pensamento" -- Rua Senador Felijó, 19
1913

A

Osorio Duque-Estrada

ANTES DO PRINCIPIO

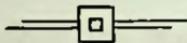
O autor, verdadeiramente lisonjeado e legitimamente desvanecido pelo fidalgo acolhimento com que o publico honrou a sua *Gente Rica*, — prova incontrastavel de que o seu modesto trabalho se apresentara revestido de todos os caracteristicos que constituem a oportunidade, — aqui lhe deixa sinceramente consignado o pouco eloquente mas franco testemunho da sua profunda gratidão.

Excusado lhe é dizer que o torna extensivo, com a mesma sinceridade e profundeza, á imprensa paulistana e flu-

minense, que se dignou de fazer benevolas referencias a seu respeito.

Quanto á parte dessa imprensa que recebeu o seu livro com o mais inexplacavel silencio, o autor, — que tambem sabe interpretar a loquacidade dos mudos por conveniencia,--offerece-lhe, agora, este novo trabalho, como digno comentario ao que ella, talvez, pensou, mas não teve a coragem de o dizer.

E... é só.



I

A CONQUISTA

I



DAVAM cinco horas.

Cassio entrou em casa, de volta do seu quotidiano labor.

Era esse um habito antigo, que lhe fôra imposto pelas exigencias da sua profissão. Vinha jantar, e só no dia seguinte voltaria ao trabalho.

— Boa tarde, Cotinha... Ha alguma cousa de novo? — perguntou elle á esposa, que o esperava sempre risonha como era seu costume.

— Hoje não ha nada, Cassio... — respondeu a senhora. Mas, quando o marido,

depois de haver pendurado o chapéu, se dirigia para o seu gabinete de estudo, ella recordou-se de qualquer circumstancia e accrescentou :

— Ah! ia-me esquecendo... Veiu uma carta por mão de portador... Está ahi, na tua mesa...

Cassio, curioso, entrou no gabinete e abriu o enveloppe azul, de formato commercial. Era um *memorandum* da livraria a que elle commissionara a venda do seu primeiro trabalho literario.

O texto, dactylographado a machina, em tinta violeta, dizia mais ou menos :

*Pode V. S. enviar-nos mais
alguns exemplares do seu livro,
porque, da sua ultima remessa,
temos sómente quatro...*

Cassio não se pôde conter com a noticia, que para elle era optima, e, voltando á sala de jantar, onde a esposa dava os ultimos toques no arranjo da mesa, que já estava posta, exclamou :

— O' Cotinha!... O livro está todo

vendido!... O Alves escreveu-me que só tem quatro...

E agitava no ar, triumphalmente, o *memorandum* que acabara de ler.

O seu entusiasmo, nesse momento, só podia comparar-se ao do soldado que, no campo da batalha, gloriosamente desfralda a bandeira tomada ao inimigo.

Todo o seu aspecto denunciava o intenso jubilo que o fazia vibrar, e que se exteriorizava em sorrisos e gestos largos, excentricos, irradiantes e comunicativos. Até as profundas rugas longitudinaes da fronte, vincadas pelas suas constantes concentrações de pensamento, — ficaram menos visíveis. Dir-seia que haviam sido absorvidas no *rictus* plasticizado pela sua intima satisfação.

Nos olhos, então, era o chispar desse fulgor estranho e bello, que talvez seja o resplendor do talento finalmente reconhecido e consagrado.

E, nesse estado d'alma, que deve ser um dos mais deliciosos após a realização do plano imaginado, Cassio voltou ao

gabinete, sentou-se á sua mesa de trabalho, descansou a cabeça entre as mãos abertas sobre as temporas, e ahi ficou por alguns momentos a meditar...

No pequeno espaço entre os seus olhos e o chromo da folhinha que lhe ficava em frente, na parede, — uma pequena e graciosa aranha agilmente pernejava na ponta de um longo e tenue fio que descia do forro, e uma restea de sol poente, que atravessava as *brise-bises* da janella, imprimia ao pequeno animal o interessante aspecto de um microscopico lavor em filigrana de ouro vivo.

Cassio, fixando os olhos por acaso na inquieta aranhazinha, nem por sombras pensava que a presença della ali era devida sómente á falta de um espanador convenientemente agitado ; e suas idéas indecisas, associando-se em torno daquelle movimento tão graciosamente concretizado, logo se tornaram nitidas e claras como a dourada luz que o illuminava.

— Por um fio... Quantas existencias não dependem sómente de um simples fio?! Quantas actividades, que podiam ser proficuamente productoras e creadoras, não deixam de crear e produzir por falta de um tenue fio?!. No entanto, não é que os fios faltem. O que falta é quem saiba aproveitá-los e dispol-los em teias bem tecidas ou em meadas tão resistentes como cordas. Uns, gastam toda a sua vida a quebrarem os fios que se lhes apresentam: — são os destruidores, os demolidores de todos os tempos. Outros, não os quebram, mas vacillam sempre na escolha entre os mais fortes e os mais fracos, e quasi nunca se decidem por estes ou por aquelles: — são os enfermos da vontade. Ha tambem alguns que jamais conseguem descobrir um fio só, — ou porque os seus olhares visam pontos muito elevados, onde só ha de concreto os astros que gravitam na immensidade, — ou porque olham muito para baixo, onde só ha vermes e lôdo. Esses são os infelizes ou os ge-

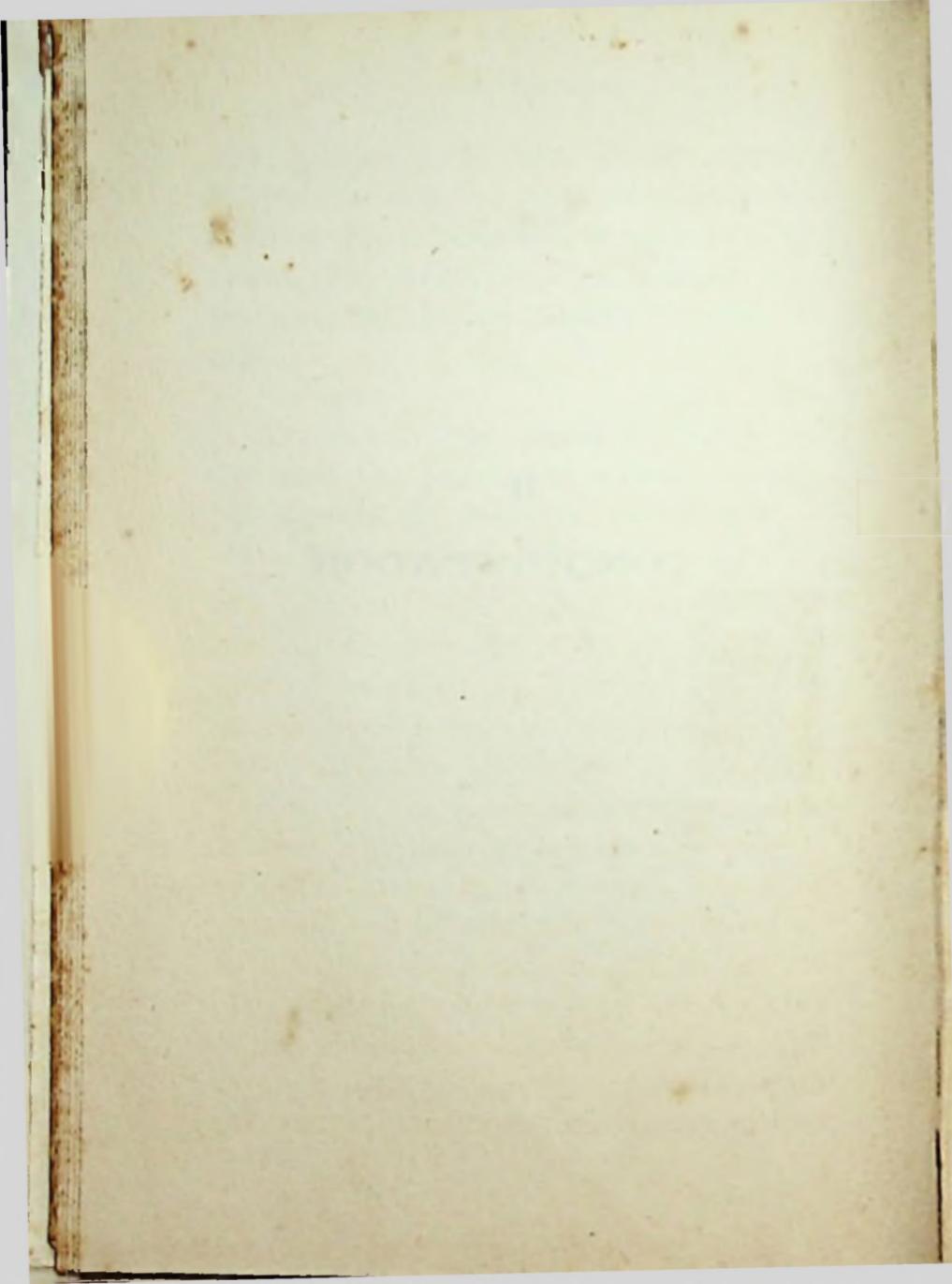
nios, porque estão fóra do seu tempo. Felizes são aquelles que, embora presos a um só fio, sabiamente o emmaranham e com elle preparam a complicada teia em que as moscas fatalmente hão de cahir...

Era isso o que pensava Cassio no momento em que a sua esposa apareceu á porta do gabinete, convidando :

—Vamos jantar, Cassio ?...

II

O CONQUISTADOR



II



ASSIO, cujo nome completo era Cassio Paz Pereira, aparecera em S. Paulo ha mais de uma duzia de annos, e contava agora cerca de quarenta, para mais não para menos.

Embora no seu rosto apparecessem evidentes signaes da já longa ausencia de juventude e mocidade, e não obstante em sua cabeça alvejarem já as primeiras cans entre o farto e anellado cabello castanho-escuro, á primeira vista ninguem o diria quarentão, tal era a sua vivacidade de movimentos e a sua irradiante jovialidade.

A sua gesticulação de meridional e até a sua propria graphia, que era toda gladiolada em traços dynamogenicos, denotavam ser elle um organismo que naturalmente necessitava de muito movimento; mas, como a sua profissão o obrigava a um forçado repouso de membros, é bem possivel que as muitas rugas da face fossem os expoentes visiveis dos estragos produzidos por esse obrigatorio sedentarismo.

A sua altura, que era meā; a sua côr, que era morena; e a sua cabeça, que era grande e pouco alta, em relação á largura, constituiam nelle esse facies caracteristico da maioria dos brazileiros que nascem e crescem a poucos graus da linha equinocial.

Seria Cearense, Maranhense ou Sergipano? Ninguem o sabia, mas cada qual imaginava que elle tivesse passado a sua infancia a pescar no *Vasa-Barris*, a descaroçar algodão na *Barra do Corda* ou a caçar *avoantes* em qualquer varjota de *Baturité*.

Vivendo em paiz livre como o nosso, onde os cidadãos não precisam trazer no bolso a certidão de edade nem passaporte de especie alguma, pouco se lhe dava a elle que o julgassem filho desta ou daquella região do globo, porque entendia que a localizaçao do nascimento de um individuo é um facto puramente accidental, que depende exclusivamente do maior ou menor grau de nomadismo dos respectivos progenitores.

Ainda, sobre esse caso do nascimento, nada ha que tanto o faça rir da imbecilidade humana como quando duas ou tres localidades disputam a honra de ter sido o berço de algum homem que se torne celebre.

— Mas... celebre por que? — interroga elle.

— Necessariamente, pelos seus feitos, pelas suas accções, — responde.

Ora, como essas accções e esses feitos, merecedores de justa fama, não são, por via de regra, exercidos no lugar do nascimento, porque é bem verdade que nin-

guem é propheta na sua terra, segue-se, — continua elle, — que não ha nada mais estulto do que Xiriríca ou Guarulhos pretenderem ser o berço de um Bartholomeu de Gusmão ou de qualquer dos nossos presidentes da Republica.

Para elle, o homem não é filho de região alguma; — é apenas um producto do meio social em que se desenvolve e no qual desenvolve a sua actividade.

Naturalmente, a sua concepção do patriotismo formava-se dentro desse círculo de idéas e fazia dellas as suas mais solidas bases.

De facto, — pensava elle, — se em qualquer ponto da terra houvesse uma sociedade exclusivamente indígena, cujos membros não primassem pelo seu bom estado de civilização nem pela sua humanidade, seria bem interessante ouvir os falar em sentimento de patriotismo, mas do patriotismo como elle é entendido pelas modernas nações.

E porque não é possível uma perfeita civilização sem o concurso de um

systema de perfeitas intercommunicações, conclue-se que o actual sentimento de patriotismo, onde elle possa ser invocado, não é um producto psychologico que tenha como seu unico *substratum* a fra-quissima trama do exclusivismo regional.

Infelizmente, ainda ha patriotismos assim, que repousam sómente sobre essa trama; elle, porém, classifica-os — patriotismos de... gato. Amôr á casa, mas não aos donos della.

Nesse ponto de psychologia politica, — vê-se claramente, — Cassio era um verdadeiro americano.

Assim tem de ser, conscientemente, todo aquelle que sabe observar e reconhecer que esta parte do mundo só começou a pesar na balança internacional, quando, na concha que nos tocou, foi avultando a actividade alienigena com todas as suas multiplas manifestações, que são hoje o nosso legitimo orgulho.

Cassio supprimira o seu sobrenome médio com o receio literario de que algum engracado, sem recursos intellectuaes de maior monta além da chalaça, lh' o antepuzesse ao nome proprio, principalmente neste meio em que essa anteposição é tão commum nos nomes italianos.

Aqui, — Farani Antonio ou Antonio Farani são dois nomes distinctos mas uma só unica pessoa verdadeira para todos os effeitos sociaes, juridicos ou politicos.

Mas... Paz Cassio em vez de Cassio Paz, forçoso é convir que nada tem de euphonico, além de não significar absolutamente as qualidades da pessoa que assim fôsse designada.

Descendia de portuguezes como a maioria dos brazileiros, e até é bem possivel que nos seus antepassados houvesse algum parente do Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Era, porém, uma possiblilidade, essa, em cuja averiguacão elle não desperdi-

çava a minima parcella do seu tempo, todo occupado em cousas mais proveitosas.

A sua profissão absorvia-lhe uma grande parte desse tempo, e as poucas horas que lhe sobravam do labôr quotidiano, applicava-as ao estudo de varios assumptos que satisfaziam á sua grande curiosidade, ou aproveitava-as em escrever as suas impressões de artista, que o era tanto quanto é possivel sel-o num meio social em que a ganancia predomina sob todas as fórmas imaginaveis e extravagantes.

Sem duvida, essa occupação dos seus seus curtos momentos de ócio era uma mania como qualquer outra ; mas forçoso é reconhecer que era a menos dispendiosa de todas as manias. A menos dispendiosa e, para elle, a mais proveitosa.

Os seus escriptos inéditos constituiam já material bastante para um grosso volume de notas autobiographicas.

A's vezes, principalmente quando es-

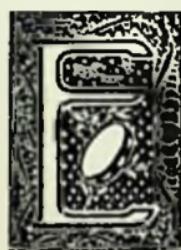
tava bem humorado e satisfeito da vida, abria o seu manuscripto e relia algumas das paginas que julgava mais interessantes á sua memoria, ou mais accórdes com o seu estado d'alma.

Ora, nessa tarde, após a digestão, quando já noitinha, releu elle o seguinte capítulo :

III

A ARENA ANTIGA

III



RA presidente da Republica o Marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente eleito pelo modo então em uso, — modo esse que qualquer amigo de indagações historicas pode saber qual fôsse, consultando os annaes legislativos.

Duravam ainda os effeitos do jogo da Bolsa, que, na capital da nação, continuava a ser desenfreado. A nossa capital tambem quiz imital-a, mantendo o seu joguinho, que, apezar de fraco, ainda assim muito dera que pensar a quem

nelle se metteu. Era um verdadeiro encilhamento, como assim foi designada essa loucura financeira.

Dinheiro, havia muito; havia dinheiro a rodo, como diz o outro, mas ninguem cogitava de indagar se o valor desse dinheiro seria de curta ou longa duração.

Em quanto dura, vida e doçura, — lá diz o ditado, e a cousa ia durando...

Para dizer a verdade: — não era dinheiro; era papel com valor convencional, atirado á circulação pelos bancos emissores, que eram tres, creio eu.

Empresas, bancos e companhias, — todos com valor tão problematico ou mais do que a papelada circulante, disso havia centenares.

Podia ser que alguns delles não chegassesem a existir senão nominalmente, mas a justiça obriga-me a declarar que nenhuma dessas organizadas tranquibernias durou tão pouco tempo como as já ultra estafadas rosas de Malherbe. Isso não! Eram de vida ephemera, é certo,

mas duravam mais de uma manhã; duravam dias. Dois, dez, vinte ou pouco mais...

Emfim, questão de dia menos, dia mais, esse é que é o facto.

Mas, ao mesmo tempo que se via no meio de tamanha fartura de papel com mais ou menos valor, reinava uma absoluta carestia de ideias políticas.

Não sei se me expreso bem.

Eu quero dizer na minha que não havia partidos políticos, isto é... havia só um partido, que era o do governo; mas, como um partido só, é cousa que não pode existir, porque uma parte é por si mesma um todo, mais justo é dizer que não havia partido algum.

Não estou bem certo se já aconteceu similarmente cousa em qualquer nação do mundo civilizado, mas no Brasil ocorreu esse interessante fenômeno sociológico.

E não é de admirar, porque este país parece ter nascido fadado para servir de teatro às mais extraordinárias transformações económicas e políticas.

De uma só vez foram libertados cerca de um milhão de escravos, e ninguem protestou sériamente; proclamou-se a Republica, deportou-se a familia rei-nante, exilararam-se diversos membros do governo decahido, e ninguem teve a coragem civica de protestar, senão um velio, o Barão do Ladario, que correu o risco de perder a vida com essa nobre manifestação do seu caracter.

Está claro que se o primeiro governo republicano do nosso paiz quizesse ou soubesse aproveitar-se do momento histórico pelo qual passámos, para fazer reformas uteis, a nação inteira, embora nio applaudisse, pelo menos não protestaria de modo algum.

Foi um momento unico da nossa história !

Resolvam os vindouros se esse momento foi bem ou mal aproveitado. Eu nada decido, mesmo porque... para que?...

Ora, aconteceu que, por causas que não vêm a pélo explicar aqui, o primeiro presidente eleito deu tambem o

primeiro *golpe de Estado* (acho que é assim que se diz), dissolvendo o Congresso, declarando a capital da União em *estado de sitio* e commettendo outras arbitrariedades muito proprias de quem sobe ás cumiadas do poder sem préviamente se exercitar na contemplação do alto, afim de evitar futuras vertigens.

Isso foi nos principios de novembro de 1891.

A dictadura, porém, estava destinada a curta duraçāo.

A 23 do mesmo mez e anno, de madrugada, houve certo movimento na esquadra nacional, surta na bahia do Rio de Janeiro, e o almirante Custodio José de Mello dahi a pouco enviou á cidade o seu cartel de desafio sob a solida forma de uma bala de canhāo, que veiu bater no alvo zimborio da Candelaria.

Até hoje ainda se não averiguou ao certo por que foi o zimborio preferido como alvo, mas eu creio que foi precisamente por elle ser... alvo.

O certo foi que nesse mesmo dia o

presidente dictador renunciou á cadeira governamental, passando o cargo a ser exercido pelo seu substituto, o vice-presidente, e tudo entrou nos eixos da mais santa paz.

Calou-se o canhão, sossegou o alvo zimborio ou o zimborio-alvo, e chamou-se a esse memoravel dia — o da victoria da legalidade.

Legalidade, — foi outro termo que tambem fez fortuna por esse tempo.

Tudo era legalidade para aqui, legalidade para ali... Emfim, era a legalidade, e está dito tudo.

Dentro de poucos dias todos os Estados começaram a sentir a benefica influencia da legalidade restaurada, o que, por outras palavras, quer dizer que em todos elles houve mudança de governo.

Isto já pertence á historia, mas não vejo inconveniente algum em repetil-o aqui.

E' mais um depoimentozinho, não acham?...

S. Paulo tambem passou pelo mesmo

cadinho restaurador, para ficar convenientemente legalizado.

Reapareceram então os partidos, couças de que não havia notícias desde 15 de novembro de 1889.

Havia os *legalistas* e os... *illegalistas*, já se vê. Estes, cá em S. Paulo, tomaram o nome regional de *ameriquistas*, denominação devida ao nome do presidente *legalizado*, quero dizer, — deposto, que era o republicano histórico Dr. Américo Brasiliense.

Com o renascimento dos partidos renasceram os odios políticos, mesmo porque são couças inseparáveis.

Os adversários mimoseavam-se mutuamente com os adjetivos mais adequados às odiosas expressões, e ia-se vivendo... cada qual como podia ou sabia.

Mas, para que fique perpetuamente consignada a verdadeira nota desse estado político-social na localidade em que me achava residindo nessa ocasião, vou recordar um episódio interessante, de que fui testemunha ocular.

Eis o caso :

Repetiam-se os furtos com extraordinaria frequencia.

Algumas portas de casas comerciaes da cidade haviam sido ousadamente arrombadas, e os amigos do alheio, quando não encontravam dinheiro nas gavetas, contentavam-se em carregar peças de fazenda, guarda-chuvas, rendas, etc.

Multiplicavam-se as suspeitas á medida que os furtos se succediam e ninguem atinava ao certo com os autores das constantes roubalheiras.

Residia na cidade um tal sr. Muniz, cuja vida era toda mysteriosa; mas, ha tanta gente que vive assim!...

Esse sr. Muniz, que era empregado publico e ganhava dusentos e poucos mil réis por mez, tambem era casado e pai de quatro filhinhos.

Pois, apesar de tudo isso, ou talvez por isso mesmo, ostentava um luxo excepcional e desproporcionado aos seus

rendimentos, que eram nenhuns, além do magro ordenado mensal.

A sua esposa não se apresentava em bailes ou espectaculos sem trajar vistosos e custosos vestidos de seda, além de trazer aneis em quasi todos os dedos. Só os pollegares escapavam á prisão das argolas empedradas.

Emfim, arranjos da vida. O sr. Muniz e a sua familia iam vivendo, essa é que é a verdade, e nós nada temos com isso.

Pois não ha por ahi tanto homem casado, que só faz questão de ter boa cama, boa mesa e boa roupa, sem se importar de saber como é que são arranjados os necessarios *cum quibus*?!

E nós é que nos havemos de importar?...

Não está má a lembrança.

Mas, ocorrendo a mudança politica local, produzida pela tal restauração da legalidade, o sr. Muniz, — já se sabe! — foi incluido na *derrubada* que sempre se

segue á ascenção de novos governos geraes ou estaduaes.

Tornou-se meu collega, isto é, fazia escriptas de casas commerciaes, conseguindo com esse digno expediente egnular os seus parclos vencimentos ao ordenado que ganhava quando empregado publico.

Trabalhava mais, muito mais, é verdade; mas... “*a cousa havia de mudar outra vez*”, — dizia elle confiantemente, para se consolar.

Era um desses homens para quem os actos mais naturaes da vida são sempre objectos de despreso.

Votava profundo respeito e consagrava verdadeira adoração a todas as representantes do sexo fraco.

Senhôra... ah! não havia perdão para quem dissesse — *senhôra!*... Senhôra que elle visse na rua com carteirinha á *fin de siècle*, como era a moda então, deixava de ser mulher. Era uma virago á americana.

Dizia elle que a mulher, ultima crea-

ção de Deus, é um ser essencialmente poetico... Ora, se assim é, como se pode harmonizar a poesia com a mulher que anda de carteirinha ou *porte-monnaie*? — perguntava.

Eu, por mim, nada respondia.

Para elle, o homem que satisfizesse a menor exigencia intestinal ou vesical sob os olhares de qualquer senhôra, — moça ou velha, — perdia todo o conceito e toda a vergonha; e esta sua extravagante pudicicia excretorial muitas vezes o metteu em bons apuros.

Agora, que andava por casas de uns e de outros, no grangeio da sua vida, logo notou que em todas ellas residiam as familias dos negociantes que lhe davam o serviço da respectiva escripturação commercial.

Mas o sr. Muniz era muito prevenido. Nunca sahia de sua casa sem um ou dois *Jornaes do Commercio* velhos, para delles se utilizar nas occasiões oportunas. Ir ao quintal, para ser visto por uma senhôra? !... Isso, nunca!...

A cousa realizava-se muito discretamente, atrás da armação da loja, entre pilhas de caixões vazios ou de saccos cheios de feijão.

Por isso, não era raro vê-lo sahir desta ou daquella casa onde escrevia, sobraçando um embrulho mais ou menos volumoso, cujo conteúdo elle habilmente disfarçava com as cuidadas dobras do papel. Às vezes até o amarrava com barbante bi-colôr ou com fitinhas-cadarços.

Era perfeito e caprichoso nesse arranjo, o snr. Muniz. Era mesmo unico. Emfim, era um homem cheio de quês.

A' sua casa, porém, chegava sempre sem embrulho algum.

E' que no trajecto que elle fazia até a sua residencia havia um terreno murado a taipa, sem construcção de especie alguma, onde vicejavam dois altos mamoeiros e para o qual elle atirava os embrulhos, depois de verificar muito cuidadosamente que não era observado por alguem.

Mas... como lá diz o ditado :

*Tantas vezes vai o pote á fonte,
que um dia...*

foi visto por uma creança, filho de um seu adversario politico.

Os roubos, entretanto, repetiam-se e augmentavam de dia para dia, e as autoridades policiaes andavam numa doabadora para descobrirem os gatunos.

Como o sr. Muniz continuava a viver no seu constante mysterio economico e, além do mais, ainda era adverso á situação politica dominante, porque não deixara de ser *ameriquista* impenitente, não faltou quem o indigitasse á boca pequena como co-autor das repetidas ladroneiras.

Nas pequenas localidades é que se pode observar a quantas baixezas conduz essa mesquinha politica dita de campanario, cujos ideaes consistem apenas na defesa a todo transe dos interesses do mandonismo.

Ha por ahi chefes locaes que não trepidam em bloqueiar o adversario, cerceando-lhe até o abrigo e os alimentos sob a fórmula de terminantes injuncções aos proprietarios e aos negociantes, para que não lhe aluguem casa nem lhe vendam comestiveis, se não querem ser victimas de perseguição equal ou peior.

A' vista disso, o adversario ou submette-se, bandeando-se para o grupo dominante, ou retira-se com armas e bagagens, vingando-se em dizer ao inimigo, — mas bem de longe, — um longo e forte adeus com... a mão fechada.

Felizmente, e em virtude do crescente cosmopolitismo social que já vai invadindo o commercio dos proprios lugarejos atrazados, — esses factos agora são mais raros; mas, ainda assim, os adversarios politicos são sempre apontados como capazes das maiores infamias e villanias.

E' verdade que elles se compensam, assacando-se aleives mutuos, mas aquell-

les que estão de cima sempre se arranjam melhor, esse é que é o caso.

O que é certo é que já apontavam o sr. Muniz como suspeito, e as suspeitas ainda mais seriamente recahiram sobre elle, quando o delegado de policia local conseguiu averiguar que — «*quasi todos os dias o sr. Muniz sahia com embrulhos de casa de Lopes & Filho, de Ramos & Barros ou de outros negociantes e com ditos embrulhos não chegava a casa delle*», — afirmava o inquerito policial aberto em rigoroso segredo de justiça.

Já se falava muito disso na pharma-cia do Zé Maria e no *Club* do pateo da Matriz, mas o sr. Muniz, confórme á regra, era o unico que ainda ignorava o que os seus inimigos lhe andavam tramando.

A creança que o havia surprehendido a atirar um dos embrulhos para dentro do muro, ouvindo o pai dizer, á hora do jantar, qualquer cousa a respeito do sr. Muniz, lembrou-se do facto que vira, e contou-o sem intenção alguma, como

soem fazer as creanças. O pai, que ficou logo com a pedra no sapato, foi referil-o tim-tim-por-tim-tim aos amigos e correligionarios.

Não havia mais duvida.

O sr. Muniz era um homem perdido!...

Todas as circumstancias conspiravam contra elle. Já se viu uma cousa assim?!

O delegado de policia tomou logo todas as providencias para apanhal-o com a boca na botija, e não lhe foi muito difficil consegui-lo.

Este delegado, que era o sr. Bonifacio, merece algumas linhas que o tornem digno da admiraçāo dos posteros.

Era rabula ou solicitador, como se diz em estylo forense, e desempenhava as funcções de delegado de policia depois que a facção *ameriquista* havia entregue a rapadura, segundo a pittoresca expressão da politica provinciana.

Era experto como uma duzia de diabos, e eu creio que foi essa bella qualidade que lhe valeu a nomeaçāo.

As suas theorias eram estupendas !

Dizia elle que o povo é como o limão : — quanto mais espremido mais caldo dá...

Contava mais de quarenta annos, e era solteirão — adjuncto a uma preta já madura, que lhe tratava da cozinha e do colchão com igual solicitude.

Delle se referiam aventuras tão maravilhosas quanto inverosimeis, das quaes, apesar de toda a sua esperteza, sabia sempre embrulhado.

De uma feita, passando um attestado de residencia, disse, ou, por outra, escreveu — « que tinha *plaino* conhecimento do *suppricante...* »

Emfim, era um homem precioso !

Mas... vamos ao nosso caso :

Um dia, vinha o sr. Muniz andando muito descuidoso da sua sorte e reparando se alguem o observaria no momento de alienar o embrulho que tão delicadamente segurava na mão direita, quando, no instante opportuno de atiral-o fóra para dentro do muro, lhe surgem

de cada lado da rua dois soldados de policia e o delegado...

Surpreso e ao mesmo tempo envergonhado, estacou, perplexo...

O delegado, depois de limpar o chônico pigarro, dirigiu-lhe a palavra :

— Sinto muito, sr. Muniz; porém, os deveres que me são impostos pelas espinhosas funcções do cargo que, talvez indignamente, exerço, obrigam-me muitas vezes a extremos, o senhor sabe...

Parecia que decorára esse notavel exordio, tal era a gesticulação com que se espremia e a emphase com que se exprimia.

E o sr. Muniz, muito encalistrado, gaguejou :

— Mas... sr. Bonifacio... eu... não comprehendo... absolutamente...

Os soldados cochichavam e cuspiam no muro. Affluiam curiosos.

Nas janellas da casa proxima as cabeças eram aos montes e os olhos fuzilavam de anciedade. Afilavam-se as orelhas. Um cachorro que desembocara á

esquina, correndo e ladrande forte, ao vêr tanta gente junta, calou-se, metteu a cauda entre as pernas e foi passando de largo, cabeça baixa, olhar obliquo, medroso...

Eu tambem estava presente, porque ia passando por acaso.

O sr. Bonifacio retomou a palavra:

— Tenha paciencia, sr. Muniz. O senhor vai informar á autoridade qual o conteúdo do embrulho que atirou para dentro deste muro. E' preciso...

O rosto do sr. Muniz parecia um pimentão maduro; mas elle respondeu com toda a firmeza, escandindo as palavras:

— Sr. delegado, — se atirei fóra qualquer cousa, é porque era minha e para mim não tinha mais valôr algum. Creio que posso dispôr livremente do que é meu, sem ter que dar satisfações a quem quer que seja. Ainda não fui interdicto, e por isso...

O sr. Bonifacio subiu á serra. Poz a delicadeza no bolso ou atirou-a para

trás das costas, e, mudando de tom, gritou, possesso :

— Ah! E' assim?!... O' camaradas!

— ordenou aos soldados — pulem essa taipa e joguem cá para fóra o embrulho que está lá dentro.

Os dois soldados galgaram o muro e exclamaram :

— Chi!... que porção, seu doutô!... Um... dois... quatro... seis... dez. Tem dez, sr. delegado.

O sr. Bonifacio, lançando um olhar fulminador ao sr. Muniz, commentou :

— Enganar a autoridade, sr. Muniz, não é bom expediente, creia...

E, encostando-se ao muro, falou para o outro lado :

— Não joguem, não... Ponham em cima da taipa, que eu seguro... Podem ter alguma cousa que quebre.

Os soldados começaram a passar os embrulhos um a um, e o delegado amontoava-os no chão com tanto cuidado e com tanto entusiasmo, como se esti-

vesse arrolando os trophéus de qualquer
renhida batalha.

Depois, vitoriosamente, e com o su-
premo desdem dos villões que empunham
a vara do ditado :

— Muito bonito, hein, sr. Muniz ?!...

Os circumstantes murmuravam e al-
guns já olhavam para o sr. Muniz com
o desprezo com que se encara qualquer
gatuno sem vergonha.

— Agora,— continuou o delegado,—
vou abrir o primeiro embrulho. Quero
vêr se adivinho quem foi a victima.

E juntou a acção á palavra.

Os mais curiosos e audazes acer-
ram-se, fazendo roda em torno do grupo
constituido pelos soldados, o delegado e
o sr. Muniz.

Alongaram-se os pescocós; um ga-
roto encarapitou-se na taipa para ver
melhor, e todos estavam numa anciosis-
sima espectativa.

— !!...

Alguns sorrisos mal comprimidos, estalaram em francas gargalhadas.

O sr. Bonifacio, mais experto do que uma duzia de diabos, indignadissimo e ao mesmo tempo muito embaraçado com o grande codilho que tomara, atirou violentamente o embrulho ao chão, não sem ter aspirado as emanações pouco perfumosas do respectivo conteúdo, e exclamou, interrogativamente :

— Que é isto, sr. Muniz !?....

Mas o sr. Muniz, apesar de extremamente envergonhado, replicou triunfantemente :

— O sr. pergunta-me o que é isso ?!... Faça o favor de verificar outra vez e mais de perto, e se ainda assim não descobrir o que é, não serei eu quem lh' o diga.

E o delegado, furioso :

— O sr. brincando com a autoridade ! E' demais !...

O sr. Muniz, que agora estava de cima, retorquiu :

— Brincando ou abusando este o sr.

delegado. Ora essa não está má!... E eu agora exijo, faço questão, para meu completo desagravo, em presença de todas as pessoas que aqui se acham, que o senhor abra todos os outros embrulhos. E' preciso...

Mas, o sr. Bonifacio, esmagado sob o peso do tremendo fiasco, desculpou-se:

— Não, senhor... Nada... Não é preciso; estou satisfeito....

— Acredito, acredito, — concluiu o sr. Muniz.

Os curiosos riam-se a bandeiras despregadas, e o delegado foi-se esgueirando com os soldados.

Alguem dentre o povo disse em voz bem alta :

— Ora bolas!... Os embrulhos pelo menos deviam ser juntos aos autos do inquerito. Pois então?!... Corpo de delicto perfeito e acabado.

Novas gargalhadas casquinaram.

Alguns moleques chegaram a vaiar a policia, e faltou muito pouco para que

o sr. Muniz fosse carregado em charola
como qualquer heroe dos tempos idos...

E querem os senhores saber no que
deu isso tudo ? Eu lhes conto.

Os correligionarios do sr. Muniz, justamente indignados com o procedimento infame da autoridade policial, reuniram-se em conciliáculo nesse mesmo dia, ao cahir da tarde, na pharmacia do Nhô Gaudencio, e resolveram fundar um journal em que se fizesse aos situacionistas a mais violenta opposição.

Ora vejam no que havia de dar a historia dos embrulhos do sr. Muniz !... »

IV

PRIMEIROS TRIUMPHOS

IV



ASSIO sorriu ligeiramente á evocação dessas alegres reminiscencias, e, apezar dos vinte annos já decorridos, todo o scenario ahi descripto se lhe reconstituiu na memoria que a leitura despertara.

— Já vinte annos... pensou. Como eu era moço e como o tempo corre!...

Mas, como o retrospecto era agradável e era boa a sua disposição de espirito, continuou a relêr o capitulo seguinte, que dizia assim :

« No dia seguinte ao caso dos embrulhos do sr. Muniz, fui eu surprehendido por uma visita que de modo algum esperava receber.

Quatro cavalheiros — o Coronel Afonso Martins, o Major Francisco Corrêa, o Alferes Jovino Lopes e o Carneiro já descripto ahi atrás, — procuraram-me para se entenderem commigo.

Uma verdadeira commissão. Eu até fiquei desconfiado.

Recebi-os como pude, e entrámos em conversa.

Depois das taes banalidades do estylo, com que se abrem as mais profundas conversações, cahiram elles no ámago da materia que os trouxera á minha presença.

— Nós vinhamos, — principiou o Coronel Martins, — propôr ao sr. Cassio a redacção do jornal que resolvêmos fundar...

E o Carneiro, inflammado, gesticulando :

— Precisamos dar bordoada de criar bicho nessa canalha ! Onde é que já se viu uma gente assim tão infame ?!...

— De certo, — acrescentou o Major Corrêa. E' isso mesmo. E' uma cambada !...

— E o senhor aceita ? — interrogou-me o Coronel.

— Os senhores comprehendem, — disse eu, — que com essa resolução vou mudar a face da minha vida. Até agora tenho-me mantido afastado da luta, porque preciso estar bem com todos...

— Naturalmente, o senhor tem razão, tornou o Coronel; — mas, se nós lhe oferecermos todas as vantagens e mesmo todas as garantias...

— Perfeitamente; mas o sr. Coronel ha de ver que a primeira represalia que me farão os contrários é dispensarem os serviços que lhes presto. No entanto, é disso que me sustento...

— Não ha dúvida que assim é, re-

plicou o Coronel; mas desde que nós lhe paguemos bons honorarios, bem pode o senhor deixar os serviços que agora faz nas casas dos nossos inimigos, não acha?...

E depois, insinuosamente:

— Mas isto no caso que o senhor não seja tambem companheiro delles...

— Oh! sr. Coronel! Eu ainda não fui politico nem aqui nem noutra parte. Pois nem sou eleitor!... Mas quero dar-lhe uma prova da minha lealdade, aceitando o seu offerecimento.

Ainda palestrámos largo tempo, ficando resolvido que o novo orgam oposicionista fosse publicado com o nome de *A Voz do Povo*.

Ao passar-me pelo espirito um vago receio de futuras e possiveis perseguições, interroguiei:

— E se algum dia eu fôr apertado por essa gente?...

— Oi, seu Casso, — respondeu o Al-

feres Jovino, — quano mecê percisá de
quarqué côsa é só falá... Nois temo lá
em casa uns par de rapazes destemido
mêmo!... Aquillo é só abri a bôca qu'el-
le'stão tudo pronto p'ra quarqué mutirão
de faca ou tiro. Tudos elle fôro capitão
do matto... Entonce, é gente bôa dê-
reito!...

— Não tenha esse receio, sr. Cassio,
— accrescentou o Coronel; — isso... essa
gente governista daqui, não presta para
nada. Elles só são gente quando estão
com a força armada. No mais, não va-
lêm nem o feijão que comem.

E eu, sempre receioso :

— Mas vamos que um dia em que
elles tenham essa força, queiram desfor-
çar-se em mim?...

— Não haverá perigo, sr. Cassio. Nes-
sa occasião tambem nós tomaremos as
rossas providencias; fique socegado.

E depois, pegando-me pelo braço e
afastando-nos um pouco dos outros, conti-
nuou, confidencialmente :

— Só aqui na cidade temos cento e

vinte e tantos companheiros bons e certos, que não negam, e os do sitio, — o senhor sabe, — quando fôr preciso, trazem toda a sua gente armada... Olhe, se nós não resistimos quando houve a deposição do Americo foi porque soubemos logo que elle tambem não resistiu. Que havíamos de fazer, se o chefe dos chefes abandonou as fileiras?... Havia-mos de ser mais realistas do que o rei?!... Lutar contra força superior, o senhor sabe que é proprio de loucos, e nós não tivemos outro remedio senão *entregar a rapadura*, como se diz por ahi...

Emfim, já estava resolvido, estava resolvido.

Retirou-se a commissão, e eu fiquei meditando.

Desta vez não foi pasmo o que senti, não; foi admiração de mim proprio.

Sériamente, — foi admiração!

Então, eu, o filho de meu pai e de minha mãe, o Cassio Paz Pereira todo

inteiro, sem falta de nenhum pedaço, com menos de duas duzias de annos, ia ser jornalista ?!...

Representar a opinião publica, dirigir a publica opinião !... Que posição importante, hein ?!... Poderia eu dar conta do recado ? Não seria tarefa demasiada para mim, que nunca tinha bebido uma gotta sequer da sciencia official, cujos poços, aqui no Brazil, só existem em S. Paulo e no Recife ?...

E de mais a mais redactor de um jornal da opposição !... Ainda se fosse para redigir um jornal governista, vá ; porque não ha nada mais facil do que elogiar a todos e dizer *amen* a tudo. Mas... num jornal da opposição, a cousa fia mais fino. E' preciso inventar, mentir, calumniar, insultar, deturpar e outros verbos em *ar*, creio eu.

Nas occasiões mais solemnes da minha vida sempre o meu passado se me apresentava á memoria com extraordi-

naria fidelidade. Tambem era só nesses momentos que a minha memoria funcionava regularmente; e eu, então, aproveitava a feliz e rara oportunidade para escrever alguma cousa de que já me houvesse esquecido.

Dahi a razão por que baptizei estas linhas com o pretencioso titulo de *Memorias...*

Mas,— verdade, verdade,— não acham os senhores que o nome é muito proprio?...

E... eu jornalista?... Custava-me ainda a acreditar.

— Pois será possivel?! — monologava eu. O' Cassio, quando é que tu jamais pensaste em ser simulhante cousa? Quando aprendias a roubar no peso e na medida, suspeitavas tu, porventura, que algum dia havias de escrever um artigo de fundo capaz de exasperar o mais fraco governista? Quando batias sola ou lambias tacões novos, terias imaginação tão desregrada que te fizesse, no futuro, um director da opinião publica?... E' certo que no mundo já tem havido

muitos sapateiros illustres, a começar por Boehm e Bandarra, e a terminar pelo nosso contemporaneo Conde Leão Tolsstoi; mas eu, quando era sapateiro, nunca cheguei a ser illustre, e agora que vou a caminho da immortalidade, não sou mais sapateiro: — sou apenas jornalista.

Estava eu pensando assim, quando me veiu á mente o acontecimento da vespera.

— Oh! com um milhão de demonios! — exclamei. Se os governistas tiverem espirito, podem dar commigo em pantañas! Pois então ?!... Como foi que se originou o jornal, que eu vou redigir com todo o brilho possivel ?...

Já vêm os senhores que os embrulhos do sr. Muniz tambem contribuiram a seu modo, e muito efficazmente, para que eu subisse um pouco mais na escala social.

Quem sabe do que depende o destino de cada homem ?...

Convenham que os degraus não eram lá muito para que digamos, e imaginem se os governistas podiam ou não tirar dessa circumstancia um argumento com que me escachassem completamente e me expuzessem a um ridiculo impossível de aturar.

Não quiz, porém, a minha sorte que naquellas cabeças bruxoleasse sequer um fugitivo clarão de espirito.

Bem dizia o meu amigo Floriano Gomes, que neste mundo para tudo é preciso haver boa sorte, até para ser prostituta de nomeada.

No jornaleco delles, segundo a nossa terminologia de adversarios, nada appareceu a esse respeito, e eu comecei, finalmente, a copiosa mésse dos louros que já me eram devidos.

Os meus antagonistas, quando lhes faltavam collaboradores de me ia-cara

limitavam-se a redigir o tal jornaleco com o auxilio da tesoura. Redactor muito em conta, afinal, porque custa apenas uns tres ou cinco mil réis, conforme o tamanho, e dura muito: — até acabar.

Mas sahira o primeiro numero da *A Voz do Povo*.

Foi um verdadeiro successo em ambas as fileiras. Nos *ameriquistas*, era desabafo e contentamento; nos *legalistas*, era desapontamento e escandalo.

Emfim, — successo em toda a linha.

No artigo de fundo, entrelinhado, typo 12, eu verberava a situação, e tornava-a responsavel pelo imminente *krack* financeiro, resultante da suspensão do jogo da Bolsa. Em noticias avulsas, — *sueltos* como hoje se diz, — ridicularizava a Intendencia Municipal por não curar dos palpitantes interesses do municipio. As ruas estavam cheias de buracos, — mentia eu; animaes mortos apodreciam em todos os pontos da cidade, empestando o ar; a illuminação publica era pessima; as despesas eram enormes e improficias;

a *afilhadagem* crescia de hora para hora; o delegado de policia era arbitrario; o exemplo vinha de cima; a laboura perrecia por falta de braços; o cambio ia por ahi abaixo, afocinhando no zéro da banca-rota; augmentava a crise de transportes; faltava o numerario sufficiente para satisfazer ás necessidades do commercio legitimo, e o diabo a quatro.

Taes eram os pontos que frisei no meu artigo de fundo, e nos *sueltos* esparlhados aqui e ali...

E ninguem se lembrava mais da origem pouco aromatica da *A Voz do Povo*.

Eu estupidificara a todos com a minha energia e com a minha audacia.

Os *legalistas*, quando passavam por mim, olhavam-me vsgamente, mas o sr. Bonifacio era o que me olhava mais torto. Certamente, andava imaginando de si para si qual seria a peça que havia de me pregar, mas eu, da minha parte, fazia tambem todo o possivel para me sahir, pelo menos, tão bem como o sr. Muniz.

O homemzinho, porém, teve juizo uma vez na sua vida, e não mexeu commigo.

Eu é que não podia deixal-o quieto.

Procurava todos os meios e modos de o pôr na dansa, e, para isso, publicava os *constas* mais estapafurdios, que o faziam andar constantemente com a pulga na orelha.

Um dia vinha eu voltando da fazenda do Coronel Martins, onde fôra com elle conferenciar a respeito da nossa atitude em face da nova *revolta da armada*. Ao passar pelo *capão* do Descanso, percebi que havia ahi algum animal morto, visto a grande quantidade de urubús que esvoaçaram assustados á minha passagem.

— Oh! que bella oportunidade para pregar uma boa peça ao Bonifacio! — exclamei.

Vim para casa e escrevi logo uma carta a *A Voz do Povo*, com letra disfarçada; mandei collocal-a na Agencia do Correio, e de noite foi-me entregue com a outra correspondencia ordinaria.

No seguinte numero do jornal publiquei-a sob o vistoso titulo de :

MYSTERIO !

« Publicamos a seguinte carta, recebida ante-hontem, respeitando a redacção original :

Cidadão redator da Voiz do Povo.

Voule contá um fato que eu penço ser crime. Honte dumingo cumo eu paçava na estrada da fazenda do Manecão levei um grande suisto.

Tava argum côrvo no capão do descanço e eu fiquei cum vontade de ver o que tava morto.

Meti a cabeça no mato e despoi vi que tava um corpo morto incostado na banda de ua arve.

Meu medo foi tão grande que eu sai na carrera amuntei na minha besta e carquei as espora na tar pra corrê mais.

Mais porém não sei si é óme ou muié que tava lá só sei que já tava fedendo que é vê carniça isso me alembra muito bem.

Saudade e paternidade.

*Sou seu criado obrigado
MANUEL CARDOSO diministrador da fazenda de S. Feliciano.*

Sidade, 7 de Oitubro de 1893.

A carta supra — continuava a noticia — revela pela sua propria singeleza alguma cousa de mysterioso e horrivel.

Ha, evidentemente, um cadaver apodrecendo a poucas centenas de metros desta cidade civilizada, e faz-se mister que as autoridades policiaes ponham o caso a limpo.

O original fica nesta redacção ao dispôr de quem quer que se interesse pelo assumpto. »

Isto a sahir publicado e o sr. Bonifacio a barafustar pela redacção, — foi obra de alguns minutos.

Entra o homem esbaforido no meu gabinete, e diz, offegante :

— Sr. Cassio, quero que me mostre a carta que sahiu publicada hoje.

Desculpei a grosseria do pedido, mesmo porque de tal pessoa não se podia esperar outra cousa, e passei-lhe para as mãos a carta em questão.

Com elle vieram mais duas pessoas, que eu não conhecia. Amigos do delegado, certamente ; talvez, capangas.

E todos liam a carta ao mesmo tempo.

— Eu... parece que conheço esse Cardoso, — disse um.

— E'... mais a fazenda de S. Feliciano fica bem longinho daqui p'ra nós ir lá... Tem mais de duas legua... — disse outro.

— Os senhores não deviam ter publicado esta carta, — disse afinal o sr. Bonifacio, — sem mostrar-m'a primeiramente.

E eu, com toda a pachorra, quiz prolongar a brincadeira. Estava com o homem na mão; agora era aproveitá-lo bem. Não, que desses não se encontram muitos por este mundo de Christo...

E, então, respondi:

— Perdão, sr. Bonifacio... Eu sou muito achacado de falta de memoria, mas não sei se o senhor padece do mesmo mal...

E elle, atalhando:

— Não... não! Memoria é cousa que eu tenho muito boa, graças a Deus.

— Pois não parece, permitta-me que

lh' o diga, — retorqui sempre com ar de troça.

— Porque, sr. Cassio?

— Por isto...

E peguei na *Constituição do Estado de S. Paulo* que estava ali á mão, na minha mesa de trabalho.

— Faça o favor de ler, — convidei, mostrando-lhe no folheto aberto o ponto para a leitura.

E elle, gaguejando, leu:

PARTE III

Declaração de direitos e garantias

Art. 57. A Constituição assegura a todos que estiverem no Estado a inviolabilidade dos direitos de igualdade, liberdade, segurança e propriedade, nos termos do art. 72 da Constituição Federal.

— E agora, sr. Bonifacio, — continuei, — tenha a bondade de lêr ahi mais adiante o paragrapho IX desse mesmo artigo 57. Ahi está...

E elle leu :

IX. E' inteiramente livre, sem dependencia de censura prévia, a manifestação do pensamento por qualquer modo, respondendo cada qual, nos termos da lei ordinaria, pelos abusos que commetter no exercicio deste direito. E' vedado o anonymato.

— Ora, por ahi, já vê o sr. Bonifacio que eu não era obrigado a mostrar-lhe cousa alguma antes de publicada. Seria depender de censura prévia; a lei é clara... Tudo que se publica no jornal por mim dirigido depende só e exclusivamente do meu criterio. Quando eu abusar, está claro que a autoridade poderá proceder contra mim, mas só depois de praticado o abuso; antes, não. Neste caso, não se trata de um abuso, e mesmo na hypothese de que o fôsse, creio que não é ao delegado de policia que compete tratar disso em primeiro lugar...

O homem sahiu bufando de raiva. Arranjou dois soldados e não teve outro remedio senão ir vêr o que estava apodrecendo no mato.

Imagine-se como elle não ficou, quando, em vez de um cadaver de gente, encontrou o cadaver de um burro !...

Volta o homem á cidade, cada vez mais fulo de ódio, entra a olhar-me cada vez mais torto ; e, para dar uma sahida decorosa á mistificaçāo que lhe fiz, deu ordens para que fôsse detido qualquer cavalleiro desconhecido que apparecesse na cidade, afim de vêr se apanhava o tal Manoel Cardoso.

Pois sim ; havia de apanhar ! Elle que fosse esperando pelo homem da capa preta.

Os meus *chefes* riram-se a perder com o meu expediente, e eu fui por elles considerado um homem espirituoso.

Eu já não subia mais a escada do conceito publico : — agora galgava-a aos saltos, de quatro a quatro degraus, se o

que não aos dez, tendo-se em conta o numero dos embrulhos do sr. Muniz.

Então ?!... Um homem espirituoso ; assim é que eu era.

Demais, como os senhores bem vêm, não era positivamente eu quem subia : — empurravam-me, como fazem no Egypto aos *touristes* que sobem a grande Pyramide.

Fique, pois, bem assente este ponto : — eu era um empurrado.

Por isso, não tinha eu grande receio do tombo consecutivo, como se pode deduzir do meu aphorismo relativo a quem gosta de trepar. Eu não gostava ; os outros é que tinham prazer em vê-me subir.

E eu que nunca fui desmantha prazeres...

Creiam-me, por favôr, sim ?! Eu aspirava muito, é verdade ; mas quem é que não aspira neste mundo ? Que é a vida senão um continuo respirar, aspirar e esperar ?!...

Eu, porém, nunca suppuz subir tão alto, esse é que é o caso.

Agora, mais uma explicaçāozinha.

Neste capitulo apparecem um coronel, um major e um alferes, mas não pensem que na roça só ha quarteis, donde surgem a cada passo officiaes e mais officiaes. Não, senhores. São officiaes, é certo, mas da Guarda Nacional.

Daqui por diante os senhores vão vêr como elles aparecem aos montes.

E' que ha muitos no Estado de S. Paulo; e toda a vez que a gente se vê na necessidade de descrever qualquer facto ou qualquer localidade, muito raro é podermos fazel-o sem que se nos apresente, pelo menos, um alferes a reclamar a nossa attenção.

Ainda me lembro muito bem que os propagandistas republicanos faziam das patentes da Guarda Nacional um cavallo, ou, antes, uma tropa de cavallos de batalha contra a corrupçāo monarchica.

Diziam elles (os propagandistas) que eram esses os meios com que se captavam as boas graças dos cabos eleitoraes; que era uma vergonha anti-democratica essa luta pelo pennacho; que mais isto e mais aquillo...

E eu, quando os ouvia discorrer de tal modo, aplaudia-os calorosamente, dando-lhes palmas e gritando: — Bravo ! bravissimo !...

Veiu a Republica, e as patentes, as mesmas patentes foram, têm sido e são ainda mais profusamente espalhadas. E' um verdadeiro diluvio de galões e penduricalhos... no papel, porque a maioria dos apatentados nunca se encadernou na farda da ordenança, nem sentiu nunca o peso de uma espada.

Ha localidades no Estado em que até os officiaes de justiça tambem são officiaes da Guarda Nacional !

Agora estou eu esperando que venha mais alguem fazer das patentes cavallos de batalha, para applaudir outra vez,

porque eu jamais regateei aplausos a quem quer que os mereça.

Ah ! como eu era ingenuo quando acreditava nas bellas cantigas dos propagandistas !...

Silva Jardim, que foi o mais fogoso de todos elles, teve de certo a intuiçāo do grande ridiculo que o perseguiaria a vida inteira, e, para fugil-o, procurou um tumulo digno da sua intellectualidade e energia.

Effectivamente, para guardar o fogo do seu espirito, para manter o intenso ardor da sua imaginaçāo, só um sacra-rio era proprio : — a pavorosa fornalha do Vesuvio !

E a patria, para a qual elle tanto trabalhou e pela qual tanta vez expoz a sua propria vida, não teve a satisfaçāo de dar abrigo a um átomo sequer das suas cinzas.

E ella merecia, merecia bem, ser a sepultura de tão grande homem, que, por signal, era bem pequeno. »



V

O ACTUAL CAMPO
DE BATALHA

V



UANTA juventude nestas idéas e nestas descripções! — commentou Cassio ao terminar a leitura.

No entanto, a passagem relativa á fundaçāo e redacçāo da *A Voz do Povo* fixou-se tenazmente á sua memoria, donde começou a irradiar em pequenas fracções, e cada uma dellas constituia por si só um nucleo associativo das suas idéas fluctuantes.

Assim, foi-se-lhe architectando na mente a concepçāo da imprensa da capital comparada com a do interior.

No jornal que redigiu por algum tempo, elle era tudo, menos typographo e impressor. E ainda assim, quantas vezes não ia elle ensinar aos typographos bissonhos como deviam compor tal artigo, tal noticia, tal annuncio ?!...

Era preciso encher o jornal ? Elle o enchia com artigos politicos, com artigos de interesse local, com *sueltos* ironicos, com folhetins de chronica, com *factos diversos* e até redigia os annuncios quando os annunciantes não sabiam dizer o que queriam annunciar.

Quantas vezes não teve elle de fazer versos ou escrever contos, para manter a secção literaria da sua folha ?...

Mas, de um remorso intellectual nunca elle fôra a presa. E' que jamais tivera a tesoura como effectiva collaboradora. O seu horror de aproveitar gratuitamente o trabalho de outrem era nelle um sentimento innato, e, além disso, fugia tanto quanto possivel á vulgaridade chata e facil.

Quando, coagido pelas necessidades

partidarias, se via na obrigaçāo de transcrever qualquer noticia dos jornaes da capital, que defendiam a sua mesma causa, fazia-o sempre com commentarios proprios, e era raro que estes não dissessem mais e melhor do que a noticia transcripta.

Sempre foi original, até nas mentiras uteis ou inuteis que devia inventar em pról das idéas politicas dos seus amigos.

E quando os *legalistas* locaes o intimaram a suspender a publicaçāo da *A Voz do Povo*, elle obedeceu sem protesto á ordem de suspensão; mas, amarrando bem alto um barbante aos batentes da porta que dava para a rua, pendurou nelle um exemplar do ultimo numero publicado, de modo a ser visto pelos transeuntes. Alguns destes, ao passarem, perguntavam :

— Que é isso, sr. Cassio? A *Voz do Povo* está seccando?

— Não, senhores; por emquanto está apenas suspensa, — respondia elle com toda a seriedade compativel com o caso.

E a imprensa jornalistica da capital? — perguntava elle a si mesmo. Essa é muito mais importante. Ha nella os redactores, sob a direcção de um chefe; ha os traductores de telegrammas; ha o corpo de *reporters* que ás vezes tambem têm velleidades redactoriaes; ha os revisores; ha os collaboradores effectivos, além do pessoal que está adstricto ás exigencias do balcão. Emfim, é uma verdadeira organização com a sua hierarchia intellectual e social, cujos ultimos termos são os typographos que trabalham nas anti-hygienicas espeluncas pomposamente denominadas officinas, e os garotos que vendem os jornaes nas ruas, para com isso ganharem facilmente a vida ou, antes, a morte.

Como os artigos de fundo já sahiram da moda, a gente vagamente conjectura sobre qual seja a função de tantos redactores; e, á vista do movimento que se nota nos balcões das grandes empre-

sas jornalisticas, onde ás vezes as entradas de numerario são mais importantes do que em qualquer Bazar ou casa de modas, é lícito imaginar-se que o cargo de secretario de redacção é uma sinecura como o cargo de muitos outros secretarios que por ahi pullulam.

Por outro lado, quando se lê um telegramma todo cheio de solecismos ou de erros geographicos, temos o direito de duvidar da competencia grammatical e scientifica dos respectivos traductores. E os *reporters*? Ou são graphicos, que trocam os numeros das casas incendiadas, e as datas dos acontecimentos previstos ou consummados; ou são photographicos, que enchem os jornaes de *calungas*, para regalo das creanças, para pábulo de muitas vaidades tolas ou para gaudio dos imbecis, — quando não trocam os *clichés*, de modo que o retrato do sr. Fulano seja impresso com o nome do sr. Sicrano, e vice-versa.

Salvam-se apenas os collaboradores effectivos, que ainda produzem alguma

cousa que se possa lêr, principalmente quando os revisores não lhes estropiam o nexo das orações ou a concordancia dos pronomes.

Mas é provavel que tambem saiam da moda, como já sahiram os artigos de fundo.

De sorte que, nessas condições, a imprensa jornalistica da capital fica reduzida sómente á simples publicidade, em que os industriaes, mais ou menos escrupulosos, preconizam os seus productos; os negociantes bimbalham o sino grande das eternas *liquidações*, e os empresarios cinematographicos, — modernos arlequins de grande feira, — convidam o povo a entrar nas suas barracas para ver o nunca jamais visto.

E, então, continuando a associação das suas idéas, Cassio começou a imaginar que o jornal moderno pode ser comparado á praça publica.

Todos podem pregar nella o seu car-

taz, ou nella pregar o que quizerem, comtanto que paguem os respectivos emolumentos.

Ha nella tambem lugares escusos, onde qualquer cidadão pode irreverentemente alliviar a tripa ou a bexiga. E' a *Secção Livre* ou dos *A pedido*, cujas designações, para o caso, bem se parecem com as grandes mãos indicadoras que, em certas ruas de Londres, apontam o local onde se pode fazer a mesma cousa com toda a commodidade e com todo o asseio, comtanto que se satisfaça á delicada injuncção: — *drop a penny in the slot*.

Os moradores da praça, como é natural, têm privilegios, porque nas suas proprias casas podem pregar cartazes ás paredes ou pendural-os das sacadas, para que o publico os veja ou leia. Dahi mesmo podem deitar o verbo ás massas, ou chocalhar os guizos do elogio mutuo e do auto-elogio, porque é quasi certo que sempre haja basbaques que os escutem. Como estão em suas

casas, nada pagam, e então, quando têm de apregoar ou de dizer qualquer cousa, fazem-no com a prolixidade propria de quem não está sujeito ao *quantum* de cada linha.

Mas supponhamos que exista a sujeição ao *quantum*. Nesta hypothese, a sujeição é... ás avessas, é um dispendio à *rebours*. Não paga quem apregoa ou diz: — é quem manda dizer ou apregoar. Em compensação, o pregoeiro mede o discurso ou o preconicio pela quantidade do valôr préviamente estabeleido, quando não pelo préviamente pago.

Emfim, não pode haver mais perfeita organização economica.

Portanto, fazer amizade com os moradores da praça, — é o corollario que se impõe a todo aquelle que quizer captar a consideraçao e a sympathia dos seus contemporaneos, porque, — se é bem verdade que, tratando-se de praças commerciaes, — ter amigos na praça é ter dinheiro em caixa, — muito mais verdade é, quando esses amigos moram na

tal praça publica, que é o jornal moderno.

Não é preciso possuir-se talentos exceptionaes; não é imprescindivel sentir-se e exteriorizar-se a superior influencia de faculdades creadoras; não é absolutamente necessario que se tenha originalidade: — basta contar-se com a influencia dos taes amigos, e o resto faz-se ou vem *da se*, como dizem os italianos.

E é assim que, com rarissimas e honrosas excepções, se faz actualmente a apreciação e a critica das obras de Arte, sejam elles quadros, estatuas ou livros.

Apparece um pintor, cujas unicas qualidades notaveis e visiveis consistem em pinta: bonito e rico. O seu pincel é inimitavel na purpura cardinalicia, no fulgor das sedas, na transparencia das rendas, no apparatoso do conjunto. Os azulejos, mosaicos e vitraes que figuram nos seus quadros, apresentam-se-nos com a colorida fidelidade photographica. As figuras luxuosamente vestidas parecem

manequins-*réclames* das *vitrines* de casas de modas... Não ha sentimento nos seus quadros, não se adivinha nelles o vibrar que é a vida: — ha sómente luxo e de quilate pouco elevado no contraste artístico.

Mas, porque esse illustre artista pinta-rico consegue conquistar a amizade dos moradores da tal praça publica, o seu successo industrial é considerado um dos maiores de que ha memoria. Custalhe muito a conquista dessa amizade? E' bem possivel, mas o que é certo é que o cartaz preconizador não sae das sacadas da praça enquanto a exposição das suas telas estiver franqueada ao publico. Os seus trabalhos luxuosos, sumptuosos e bonitos são quasi tocos adquiridos por pessoas que equiparam os quadros aos *bibelots* — só para adorarem as salas ricas, — e o artista recebe encomendas de muitos cardeaes bem vermelhos, fumando ou bebendo; de muitas sedas refulgentes; de muitas rendas fluctuantes; de muitos manequins bem ves-

tidos; de muitos azulejos, mozaicos e vitraes bem coloridos e bem desenhados...

A protecção aos artistas é *porte-bonheur*, — dizem essas pessoas.

Mas... será isso a Arte ?

E', sim senhores; porque, segundo os modernos ideaes, não ha nada mais dificil do que se determinar o ponto preciso em que a Arte acaba e começa a Industria.

Quem é que diz que uma deve ser independente da outra ?

Só aquelles que ignoram haver quadros que se vendem a tanto cada metro. Só aquelles que ignoram haver musica que se vende a tanto cada compasso. Só aquelles que ignoram haver livros que se vendem a tanto cada linha ou cada verso.

Agora, é um livro que apparece. Se o autor não é conhecido e não tem o cuidado de préviamente ir ao beija-pés dos moradores da tal praça, está perdido.

— Quem é este sujeito? — pergunta um.

— E' um illustre desconhecido, — responde outro.

Mas, lêr o livro; analysal-o; descobrir a sua finalidade; saber se se trata de boa ou falsa moeda literaria; se ha originalidade na concepção; se ha Arte no arranjo...

— Ora! não tenho tempo de ler escriptos de quem não conheço nem sei quem é, — diz este.

— Cresça e appareça! — accrescenta aquelle.

O espirito delles é assim, quando não têm para aguçal-o a communhão da amizade ou a remuneração do elogio.

Mas, em havendo uma ou outra, então vale a pena ouvil-os.

Como elles sabem dizer bem do que nunca se deram ao trabalho de estudar!...

Imagine-se a que desagradaveis surprezas está sujeito o escriptor, em presença de uma tal falta de interesse artistico!

A maioria dos leitores, que, por si-

gnal, é uma infima minoria, contenta-se em desempenhar o facil papel de Vespurios literarios.

Só depois que os jornaes falam do novo livro é que os poucos leitores vão procural-o.

Ninguem quer ser Colombo em nossa terra, porque a preguiça intellectual é mais forte do que a curiosidade descobridora, e quasi todos ignoram que cada descoberta é uma verdadeira conquista.

Ah !... mas se o livro é francez — *vient de paraître*... Oh ! isso é outra cousa !...

A França... a literatura franceza ! Pariz... a Cidade-Luz ! Ah ! Oh ! isso não se discute.

E o livro é devorado, embora não seja assimilado, ou embora venha a ser mal imitado.

E' verdade que os criticos jornalisticos nada dizem a respeito. Nem precisam dizer, porque a literatura franceza é um axioma, ou antes um dogma para os *snobs* que nós somos.

E se algum dos nossos patricios que saiba manejar bem a lingua franceza e dizer nella o que sente e pensa, quizer fazer uma interessante experientia intellectual, aqui fica a idéa: — escreva um livro, assigne-o com um nome exotico — *Henry Marot, Jean De Bois* ou outro, — encape-o em papel amarello e... espere pelo resultado economico. Sim, pelo resultado economico; porque a satisfaçao do seu trabalho intellectual será muito mais difficult do que aquelle resultado puramente industrial.

E ainda ha quem acredite na existencia da imprensa branca, amarella ou vermelha... *Sancta simplicitas!*

A imprensa é apenas de duas especies: — a intellectual e a de balcão.

A primeira tem o livro como sua verdadeira expressão, e a segunda tem como orgão o jornal moderno, que é a tal praça publica.

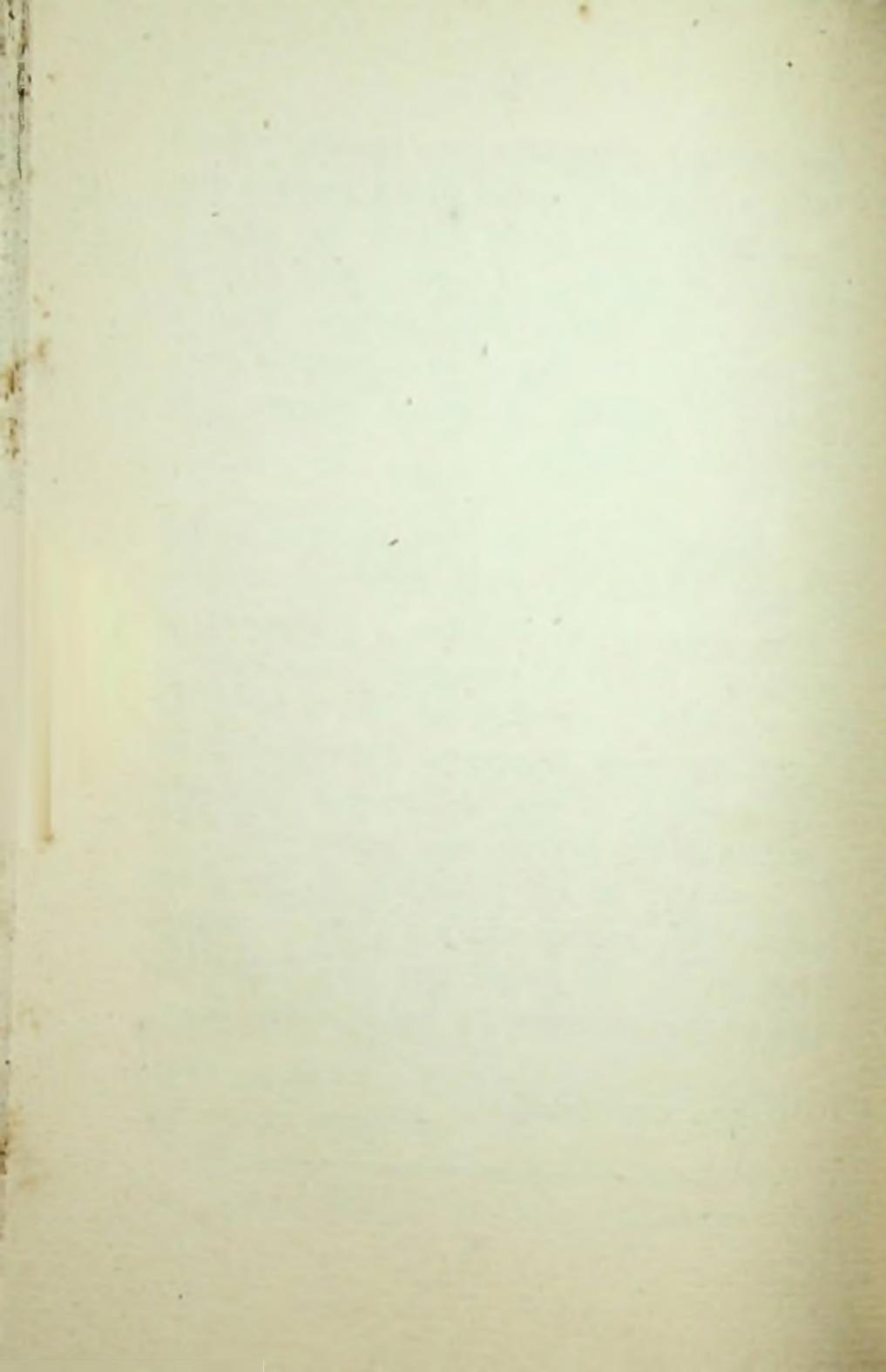
E' preciso que a primeira exista sempre como pharol guiador no meio do

tempestuar constante das intelligencias ; mas a segunda, como praça publica que é, tambem não pode deixar de existir, porque o publico, já agora, não dispensa os seus logradouros, mesmo quando é obrigado a pagar emolumentos para delles se utilizar ou gosar sempre que bem lhe aprouver.

Entretanto, Cassio era incapaz de re-negar jamais as suas naturaes tendencias para o verdadeiro jornalismo ; e quando elle via qualquer manifesta e descabellada mentira elevada a fóros de verdade pela imprensa interesseira ou interessada, a sua indignação explodia intimamente em phrases como esta :

— Ah ! se eu possuisse os recursos materiaes indispensaveis para a manutenção de um jornal que não dependesse exclusivamente da publicidade !...

Era um idealista.



VI

A ARMADURA DO
MODERNO CAVALLEIRO

VI



ão ha nada mais difficult do que conciliar as duas idéas principaes que nos são suggeridas, — uma, pela verdadeira profissão de Cassio, que é apenas guarda-livros; outra, pelas considerações que elle acabara de fazer após a leitura de alguns capitulos inéditos das suas notas autobiographicas.

E a primeira idéa que se fórmá em nosso espirito, em virtude dessa interessante suggestão, é quasi um dilemma, cujo segundo termo se esfuma e perde totalmente no vago de uma interrogativa.

Effectivamente, Cassio, — ou é rico, isto é, possue elementos materiaes que lhe permittem uma relativa independencia economica ; — ou ?...

Se o primeiro é verdadeiro, tudo se explica por si mesmo, e não vale a pena pensarmos mais sobre o caso ; mas, na hypothese contraria, mais augmentam as difficultades da nossa investigaçao.

Ora, esta é que é a verdade : — Cassio não é rico, na accepçao do primeiro termo.

Então, como explicar a sua permanencia neste meio social, onde fervilham invejas tão mesquinhas, onde ziguezagueiam ambições tão desregradas, onde rasteja tanto mercantilismo, onde a vida é tão intensa no que ella tem de mais inferior ?...

E' que elle é um competente.

Quem o diz ? Os seus proprios collegas, não só os que muitas vezes a elle recorrem, mas até os que só o conhe-

cem por alguns dos seus trabalhos profissionaes.

E a sua entrada neste meio?... Como expical-a?

Simplesmente, como se vai vêr pela exposição de uma das suas theorias.

Segundo o seu pensar, cada pessoa é um dente mais ou menos forte de uma das muitas rodas do complicado mecanismo social. Esse mecanismo é a mais perfeita entrosagem que se possa imaginar; mas cada uma das suas rodas, embora engranzada ao systema total, constitue um todo inconfundivel e completo, porque tem dois diametros: — um para a acção e outro para a reacção.

As rodas podem ser maiores ou menores, e até podem crescer ou diminuir, contanto que os respectivos dentes conservem a media da sua altura e se mantenham sempre na mesma distancia entre si. Na phraseologia technica diz-se que os dentes da mesma engrenagem devem ter o mesmo passo. E' exacto, porque do contrario não engranzam.

Ora, todas as vezes que, em virtude de qualquer circunstancia intrinseca, um dente começa a exceder a sua altura normal ou a diminuir o seu passo, é absolutamente necessário substituir-o por outro, para que ao mecanismo não sobrevengham graves perturbações funcionais. A substituição pode ser por eliminação completa ou por transposição para outra roda, para outro ponto da hierarquia social.

Quem procede a essa substituição?

Naturalmente, só o mecânico pode fazê-la; mas, se quizermos indagar quem seja esse mecânico, todas as nossas pesquisas acabam por degenerar em conjecturas cada qual a mais vã.

Que a substituição se efectua, isso é ponto incontrovertido, porque, se assim não acontecesse, já o mecanismo teria deixado de funcionar há muitos séculos.

E como em cada nação existe um mecanismo similar mas diferente dos das outras, é também causa muito para observar-se a perturbação produzida em

qualquer delles por um dente que sai da roda do seu systema e vem introduzir-se, ainda que transitoriamente, no systema que lhe é estranho. Este, se não possuir qualidades fortemente assimiladoras, se não funcionar com a indispensavel originalidade que lhe garanta uma longa existencia nacional, desatrema lamentavelmente, e os seus dentes quasi todos, absorvidos e estupidificados pelo dente forasteiro, começam a ranger desabaladamente sob a fórmula de apreciações e conceitos cada qual o mais extravagante.

Pois bem. Um dia, a roda de que Cassio era um dos dentes no interior do Estado, fazendo a sua evolução ordinaria, aconteceu que a circumferencia do diametro relativo á accão veiu engranzar-se em dentes do mesmo passo, que faziam parte de uma roda da capital ; e, quando elle entrou nos dominios da realidade, percebeu que estava na antiga e suja estação da Luz, ás 8 horas

de uma noite garoenta e fria, no meado de Julho.

Percebeu mais que, entre a turba-multa dos viajantes que chegam, das pessoas que os esperam e dos carregadores que lhes assaltam as bagagens, — um velhinho dizia muito philosophicamente, no meio daquelle pandemónio :

— Pode apalpar, meu caro senhor ; pode apalpar, que perde o seu tempo...

Era um réles batedor de carteira, que procurava surripiar a do velhinho recem-chegado.

Forte bêsta !... De certo, esse cavaleiro de industria nunca ouvira falar no *saber de experiencias feito*.

Cá fóra, na rua, nova e maior confusão de tilburys e carros, ameaçando estropiar os transeuntes, e os cocheiros a gritarem das boléas :

— Seu doutor, aqui está o 76 ! Levo baratinho...

Nesse tempo, felizmente, ainda não existiam os bondes electricos nem os automoveis, que tantos desastres e mortes têm produzido.

Mas, como é bem verdade que se não podem fazer *estrelladas* sem se quebrarem os ovos, — que importa uma morte ou um desastre de mais, se o progresso continua a descrever a sua indefinida curva?...

E foi assim que Cassio entrou na capital, onde reside ha mais de uma duzia de annos.

A que veiu?

E' que elle é um homem, e tem direito á vida.

Dahi a dias, sacrificando á sua antiga mania, escreveu um artigo sobre qualquer assumpto de actualidade, e enviou-o

pelo correio a um dos jornaes que naquelle época se publicava.

O artigo foi publicado.

Então, — pensou elle, — as suas idéas tinham algum valor independente do prestigio que o nome dá. Era innegavel.

Continuou, pois, a escrever, e sempre com o mesmo resultado, isto é, tendo consecutivamente a intima satisfação do dever cumprido, porque o seu móbil nunca fôra outro.

Certa vez cahiu-lhe sob os olhos o livro de um chronista qualquer parisiense, em que este, com a superficialidade propria á maioria dos escriptores francezes, alludia á insignificancia intellectual dos *teneurs de livres*...

Pois havia de provar ao chronista das duzias, ou a alguem por elle, que um guarda-livros, quando tem vontade e estuda, não é unicamente a ostra agarrrada á sua pedra. Esta posição estatico-intellectual é propria sómente daquelles que empregam toda a sua actividade

exclusivamente nas mathematicas puras ou applicadas.

Sobre o positivo prosaismo dos numeros deve pairar sempre a mente creadora, librando-se nas azas da imaginação.

E quando meditava neste perpetuo degladiar das aptidões naturaes de cada individuo, parecia-lhe que — um, nasce especialmente para ter filhos e criá-los ou malcriá-los; outro, para plantar couves ou batatas: este, para construir casas; aquelle, para cavar sepulturas...

Ora, elle, que não tivera filhos, nem se adaptara nunca a trabalhos agricolas ou horticolas; que jamais construiria a minima parde de *pau-a-pique*, nem cavara a menor cova para nella enterrar um gato morto, havia de ser um cultivador de idéas, porque, — como está escripto, — o universo é mental.

E não ha qualquer cousa de nobre e util nessa cultura, que se desdobra em brilhantes flores imaginarias, em beneficos sorrisos, em pensamentos-forças,

em salutares suggestões de sā moral,
em arrojadas e bellas concepções?...

Já vimos pela transcripção dos seus capítulos manuscriptos, que elle tem es-tylo.

Como explicar essa notavel circums-tancia, se por esses mesmos capítulos podemos facilmente deduzir que elle foi caixeiro de taverna, que foi sapateiro e que nunca bebeu a menor gotta da scien-cia official, — como elle proprio o diz?

Como explicar esse interessante caso de psychologia individual?

E' que elle é um caracter.

Analysemos, porém, os seus escriptos e as suas idéas que já conhecemos; re-conheçamos a sua originalidade; faça-mos taboa rasa de todo o seu humoris-mo, que é quasi excessivo... Que resta de tudo isso?

O mais intenso sarcasmo artistico-literario de que ha exemplo nesta terra, em que os escriptores publicos, — ou imitam muito mal as futilidades e subtilidades francezas, — ou perdem-se em devaneios lyricos e lubricos de quem tem no sangue o ardente influxo dos tropicos e a baixa moralidade das raças inferiores.

Como explicar, pois, essa tendencia sarcastica ?

E' que elle não é um santo.

Além disso, no seio das sociedades humanas, como elles estão organizadas, torna-se absolutamente necessario que cada individuo tenha, pelo menos, duas existencias : — uma, subjectiva ; outra, objectiva.

Na primeira, elle gosa da maxima liberdade de acção : — constróe e destróe ; chora e rí ; insulta e affaga ; resiste e submette-se ; anima e anniquilla ; é, enfim, como um Deus !

... sicut dii ! — diz a Escriptura.

Mas, na segunda, tudo é de modo inverso. O individuo, digam o que disserem, considerado como corpo contingente, não tem a minima parcella de liberdade. A temerosa vaga dos acontecimentos arrasta-o irresistivelmente, e elle ahi vai á mercê de estranhas forças até onde a sua constituição organica lh' o permittir.

A facilidade com que elle pode attingir ás mais altas cumiadas sociaes é a mesma com que pode resvalar ao infecto recinto de um ergastulo.

Ora, se lhe fôsse permittida a escolha, elle jamais vacillaria entre um pinçaro e um atascadeiro. Que o digam aquelles que já conhecem a distancia do Capitolio á Rocha Tarpeia.

Vem, então, em seu auxilio a existencia subjectiva, na qual, gosando da maxima liberdade e qualquer que seja a sua posição, elle pode elevar-se acima de tudo que rasteja, pairando em regiões inteiramente inacessiveis á bestialidade humana. Certo, foi a intuição

dessa verdade que levou o grande Victor Hugo a dizer algures que, ha momentos em que, qualquer que seja a posição do corpo, a alma está de joelhos...

Cassio fizera, pois, da sua existencia subjectiva, — o seu mundo interior.

Lá dentro só pode entrar e conservar-se aquillo que lhe agrade. E' implacavel na expulsão das creações que desobedecem ao seu criador. O seu criterio é o archanjo que zelosamente veda a entrada aos expulsos e aos intrusos...

Versos que fizera no passado por simples imitação, artigos politicos que escrevera para atacar adversarios sem valor, mentiras inuteis que inventara : — tudo isso já foi expulso do seu mundo. Para onde foram ?

Quem o sabe ?!... Morrer não morreram ainda, porque essas cousas, infelizmente, são tão duradouras como a força que as produziu.

As suas *Memorias* bem podiam denominar-se — *Confissões*, — porque nellas mais avultam as suas culpas que as

dos outros, — como se ha de vêr quando elles forem publicadas na integra.

E' que elle nesse tempo ainda não possuia noçao alguma de psychologia, nem imaginava que o homem é apenas um producto social.

Estava mais alto, agora, e lá de cima descortinava novos e mais amplos horizontes.

Como subiu? Conquistando o lugar a cotovelladas, ou supplantando os outros a golpes de audacia?

Não; foi a observaçao que lhe abriu o caminho, a vontade ajudou-o na subida, e é a experienca que o mantém na sua posição.

E' que elle é um estudioso.

Mas, na sua existencia objectiva, elle é um conduzido por todas as determinantes physicas, psychicas e sociaes.

Entretanto, como parece ter o raro

senso das direcções a seguir, é de facil conducedão.

E' que elle é um cumpridor de deveres.

Subjectivamente, sem outro lastro além das suas idéas, seria um *D. Quixote* dos modernos tempos, isento da magreza do Rossinante e da estupidez practica do escondeiro ; mas, como o actual Sancho Pansa ainda está consubstanciado na existencia objectiva, Cassio ahi vai vivendo constantemente estorvado na completa realização de todos os desejos imaginados pelo seu puro idealismo.



VII

UM DOS MAIS
FORTES INIMIGOS



VII



competencia é um valôr que só se pode aquilatar nas suas manifestações objectivas, porque objectivo é o seu fundamento.

E' batendo-se a moeda que se conhece, pelo seu toque, se ella é boa, de lei, ou falsa.

Fóra destes casos toda a competencia não passa de concepção erronea ou... decretada.

Assim, ella é como que uma garantia que se impõe pelo seu valôr positivo.

Mas o caracter individual, na sua

qualidade de subjectivo como a consciencia, que escapa a todas as medidas e a todas as devassas, porque é do fôro intimo, como se pode avaliar?

A confiança e o credito não se impõem: adquirem-se, quem sabe á custa de quantos esforços...

O caracter estará nas mesmas condições?

Quem o pode saber?...

O que se não pode affirmar é que elle seja uma resultante necessaria da simples instrucção, porque ha pessoas primorosamente instruidas que possuem o mais abjecto caracter, ao passo que se encontram pessoas analphabetas que são outros tantos caractéres adamantinos.

A instrucção, considerada em si mesma e nas suas immediatas relações com o individuo humano, — digam o que disserem os systematicos, — nunca será a panacéa nem o específico para curar os complicados achaques moraes.

E' apenas um verniz mais ou menos brilhante, que se extende sobre as ma-

zellas naturaes para encobril-as e occultar-lhes o que ellas têm de muito rebarbativo.

Só a educação, que é a verdadeira cultura moral, pode extirpar uma a uma as asperezas congenitas de cada individuo.

E' como o agricultor cuidadoso, que desarraigá as hervas más, quando estas estorvam a desejada evolução da humilde planta que se ha de expandir em promissores fructos ou em folhas abundantes que projectem fresca sombra protectora...

Pensava Cassio nestas cousas, enquanto esperava o almoço, quando o carteiro lhe entregou uma carta volumosa.

Viu logo, pelo carimbo e sello, que era do exterior, e imaginou que fôsse uma dessas extravagantes e suggestivas cartas-*réclames* de que são tão prodigos os negociantes e industriaes norte-americanos.

Effectivamente, era de origem americana, mas do sul. Abriu-a, pois, e leu o seguinte, que estava caprichosamente dactylographado a tinta azul, em papel commercial :

Buenos Aires, 15 de Novembro de 1897.

Illm. Snr. Cassio Pereira

S. Paulo (Brazil).

Prezado Snr.

Por fidedignas informações que nos prestou o nosso bem organizado serviço nesse paiz, sabemos que V. S. é uma das pessoas mais competentes em quaesquer assumptos que digam respeito ao intercambio commercial.

Mas as mesmas informações nos fizaram saber igualmente que V. S. não é um ambicioso vulgar.

E como não podemos conciliar esta com aquella idéa, entendemos que é de todo proposito chamar a atenção de V. S. para as seguintes considerações :

E' positivamente certo que a carentia ou ausencia de esclarecimentos so-

bre qualquer assumpto, contribue, mais do que se pensa, para que uma pessoa lastimavelmente vacille na direcção que deve seguir na vida pratica.

A's vezes a falta de uma unica luz, mesmo frouxa, é sufficiente para que não saibamos mais onde devemos assentar os pés, se não quizermos tropeçar em qualquer obstaculo ou cahir em qualquer buraco.

Seria, pois, um verdadeiro crime de lesa-civilização o facto de V. S. permanecer ás escuras em qualquer cousa, e neste seculo, que é o das luzes para todos os effeitos sociaes.

Assim, permitta V. S. que desempenhemos por agora as funcções de pharol dentro da noite da sua conducta pessoal.

Com licença; ahi vae o primeiro reflexo:

Sabe V. S. muito bem qual é o total do papel-moeda em circulação nesse paiz.

Dizem que é de 300 mil contos de réis. Acreditamos, porque a informação é official, e não ha outra officiosa.

Mas, é provavel, é quasi certo, que V. S. ainda se não tivesse dado ao trabalho de analysar essa circulação.

Pois, valia a pena.

Vamos, porém, auxiliar-o.

Ahi tem V. S. as praças do Rio de Janeiro, de S. Paulo, Recife, Belém e Manáos, para não falarmos senão nas mais importantes.

Nas duas primeiras ha cerca de 100 mil contos de réis em cada uma, aferrolhados nas casas fortes dos bancos, — se merecem fé os respectivos balancetes e balanços; — de sorte que ficam sómente 100 mil contos de réis para todas as outras praças e para o *pé-de-meia* de cada cidadão que tem habitos de economia, mesmo na *hypothese* de que esses habitos não sejam muito communs nesse paiz.

Ora, será possivel que esses restantes 100 mil contos de réis sejam sufficientes para as necessidades do commercio das outras praças, e para as imprescindiveis despesas de quem guarda uma parte delles ?

Nós achamos que não, e acreditamos que V. S. concordará comnosco depois de meditar alguns momentos sobre esse interessante caso de circulação fiduciaria.

Segundo reflexo :

A circulação, porém, opera-se com toda a regularidade, e a prova mais cabal desse facto é o real progresso que ahi se tem manifestado nestes ultimos oito annos de novo regimen politico.

Ha, portanto, evidentemente, qualquer outra seiva que circula no sistema vasculo-economico desse paiz, e que lhe permitte ficar em condições de progredir indefinidamente, em obediencia á mesma lei do Progresso.

Moeda falsa! — exclama V. S. indignado.

Isso é um palavrão, carissimo senhor, que se vai modificar com o seguinte reflexo, que é o terceiro:

Quando um organismo está com o sangue depauperado por diversos vícios, a sciencia de curar, no exercicio das suas humanitarias funcções e com o nobilissimo intuito de conservar ou prolongar a existencia do corpo perclitante, tenta o salutar recurso da transfusão, haurindo novo sangue de organismo são para injectal-o nas veias do organismo combalido.

Isto se faz todos os dias, principalmente quando ha abnegação por parte de quem é physicamente es-correito.

Ora, uma vez que o dinheiro é para uma nação o mesmo que o sangue é para um organismo individual, não estamos muito longe de dizer que o dinheiro é sangue, — não acha V. S.?

E, sendo assim, como de facto o é, já vê V. S. que o tal palavrão —

moeda-falsa, — sugerido pelo seu es-
crupulo, transforma-se muito natural-
mente em — *sangue estranho*, — que
é uma idéa diametralmente opposta
áquella, se levarmos em linha de conta
as beneficas consequencias da trans-
formaçao, transfusão, etc., etc.

Eis o quarto reflexo :

Não podemos deixar de confessar
a nossa abnegação, e juramos, — se
preciso fôr, — que nos achamos na
posse da mais completa e perfeita in-
tegridade physica e moral.

Estamos, pois, dispostos a contri-
buir tambem, na medida das nossas
forças, para a boa circulação fiducia-
ria desse importante paiz, fornecen-
do-lhe o *sangue estranho* que fôr ne-
cessario para a completa realizaçao
de tão importante *desideratum*, que
tanto tem de humanitario como de
social.

Entretanto, como a operaçao de
transfusão exige fatalmente o concur-
so de habeis cirurgiões, lembramo-nos
de V. S., que, na sua qualidade de
competente em assumptos economico-
commerciaes, e depois das luzes que
já lhe fornecêmos, deve ficar em con-
dições muito especiaes para agir, na
circumstancia, de acordo com o me-
lhore *modus operandi*.

— E o Codigo Penal? — interroga
V. S.

Perdão! Agora vamos dar-lhe o ultimo reflexo, porque o nosso pharol, para corresponder symbolicamente a cada dedo da nossa mão direita, só tem cinco.

Em primeiro lugar (ou ultimo, como quizer), respeitosamente lembramos a V. S. que as cadeias não foram instituidas para cachorros, tanto que, a estes, segundo a nossa propria experencia, nem lhes é permittido entrarem nellas; e em segundo lugar cumprimos o grato dever de explicar a V. S. que quatro ou seis annos á sombra não fazem mal a ninguem, tal como a cautela e o caldo de gallinha do ditado.

Ao contrario, carissimo senhor, até fazem muito bem, porque uma pessoa sae mais gorda e mais clara. Tambem podemos jurar...

As mulheres, em geral, têm uma notavel predilecção pelos homens pálicos: — são mais poeticos, dizem elas.

Pois quando a gente é posta fóra da cadeia, aps quatro ou seis annos sem trabalhos nem canseiras, não pode haver nada mais poeticos, excepto a gordura. Mas a gordura tambem tem o seu remedio, porque só engorda quem quer.

E' comer pouco e fazer exercícios diários, mesmo á sombra, que a gordura não vem. —

E por falar em mulheres... Sabemos também que V. S. é casado, mas não tem filhos.

Isso é ouro sobre azul, caríssimo senhor, porque não terá V. S. a preocupação de criar e educar os filhos enquanto estiver á sombra, — dado o caso que V. S. seja tão infeliz ou tão pouco esperto que não possa evitar esse pequeno percalço da prisão.

Quanto á Exma. senhora, sua esposa, nada lhe faltará durante o tempo que V. S. estiver recluso (sempre na peior hypothese), nada, absolutamente nada, pode ficar tranquillo sobre este ponto, — porque a uma mulher, em lhe não faltando dinheiro para luxar quanto, quando e como quizer, nada mais lhe falta. E se ainda lhe faltar alguma cousa, será tão facil de obter... que é melhor nem falarmos disso.

Finalmente, muna-se V. S. de um bom tratado de biologia e leia com atenção o que nelle se disser sobre os *gametas*, — para V. S. saber como hade proceder quando esses freguezinhos se tornarem insupportaveis e quizerem passeiar mesmo com mau tempo.

E agora, faça V. S. os seus calcu-

los sobre estas bases, que não são despiciendas :

80 % de lucro sobre o seu capital, 70 % de lucro sobre o capital dos outros, subsistencia garantida com todo o conforto para V. S. e para a sua Exma. esposa, na hypothese de V. S. cahir no laço do Codigo Penal, e depois de cumprida a pena, uma boa bolada, para continuar as operações, se quizer, e sempre com os mesmos resultados, — ou para, de bordo de um transatlântico de luxo, dizer um *adeusinho* á patria, que, como sempre, ficará esperando o seu breve regresso, hein!...

Vá, caríssimo senhor: — um bello gesto!

Aproveitemos a lei em quanto ella não é modificada para... peior.

No mais, disponha com franqueza de quem se subscreve

De V. S.

Amigos e admiradores

CANUTTI & BARBAROJA.

Casilla del Correo n. 30.127.

Cassio, ao terminar a leitura da curiosa epistola buenairense, ficou sério e meditativo.

Não é que desejasse possuir os necessarios dentes para quebrar as nozes que tão liberalmente lhe offereciam, mas começou a comparar a evolução tentacional através dos tempos.

Outróra, pensava elle, o diabo, disfarçado em bellas e jovens mulheres núas, rojava-se aos pés sujos e descalços ou deixava-se cahir nos braços cabelludos e piolhosos dos ascetas contemplativos, que iam para os desertos exercer o seu feroz egoismo.

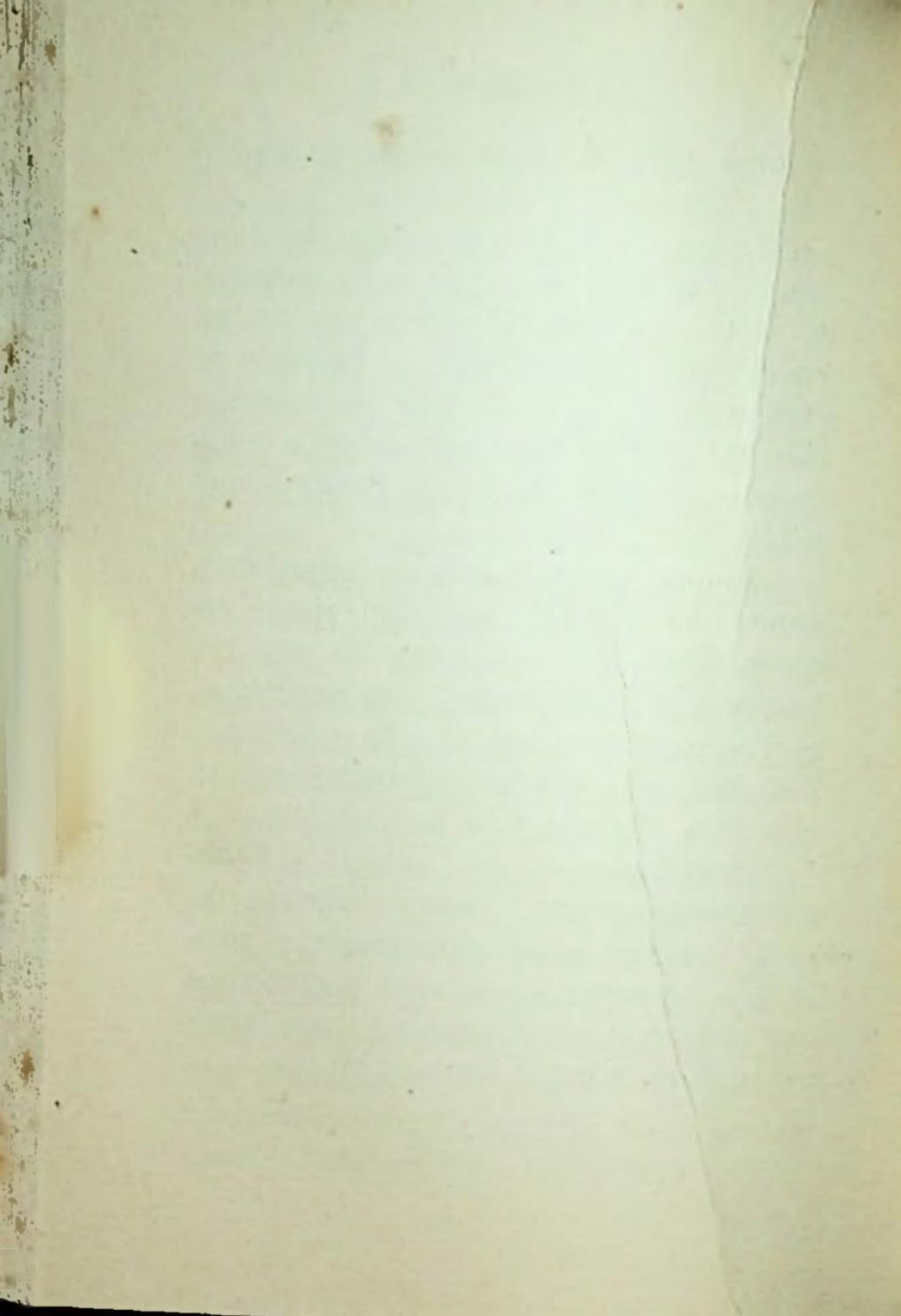
Antes, já elle tentara o divino Nazareno, offerecendo-lhe o maximo poder sobre o mundo em troca de um só momento de adoração; mas, em presença da formal recusa, recolhera-se ao bárathro para ahi machinar tentações novas. Já não fôra feliz com a primeira, do Paraíso... Mas, animado depois por uma philosophia que transformara o baixo ventre feminino, simultaneamente, no sacrario de todas as grandezas presentes e futuras, e no abysmo de todas as baiiezas, — elle ahi veiu radiante do velho

orgulho para de novo entrar na eterna luta. Venceu? E' duvidoso.

E agora? Agora, que tudo se compra e que tudo se vende, — os corpos e as almas, as consciencias e os dentes, os cabellos e as opiniões, os beijos e as bofetadas, os abraços e os ponta-pés, — elle ahi está desfraldando sobre o mundo o tentador estandarte do Poder Acquisitivo.

Sempre audaz, sempre impudente, pouco lhe importa que nem todos venham abrigar-se á sombra do seu vistoso vexillo. Os poucos, mas escolhidos, que acudirem ao seu appello serão suficientes para que se mantenha sempre acceso o sagrado fogo da maldade.

Cassio, porém, que achava ridículo transformar-se em Vestal de calças e bigode, dobrou convenientemente a missiva e guardou-a entre os documentos que costamava collecionar, para mais tarde fazer estudos retrospectivos.



VIII

COMBATE SÉRIO



VIII



Um dia Cassio foi sorteado para servir no Jury.

Como?

Quem pode saber como se faz o sorteio das pessoas que são intimadas para esse serviço publico?

Sómente o sabem os iniciados nos profundos mysterios da justiça concreta e objectiva.

Os leigos devem reconhecer a sua ignorancia e curvar-se ao arbitrio dos juizes togados, talqualmente os fieis a qualquer culto, que dobram a cerviz e

a propria consciencia ás injuncções dos respectivos sacerdotes.

Por que ?

Porque elle é cidadão, eleitor e contribuinte.

Para que ?

Para julgar os seus pares.

Neste ultimo ponto se concentraram as dificuldades, que a pouco e pouco se vinham accumulando para a completa solução das tres importantes questões incluidas no *como, por que e para que*.

Então, elle, que nunca perdera nem cinco minutos em pesquisar como funcionam as tramoias judiciarias; que nunca mettera o nariz nos bastidores do Processo; que nem gostava de passar pelas ruas em que ha *Forum* ou Tribunaes, sómente para não sentir o cheiro da justiça positiva, — havia de ser obrigado a exercer uma função para a qual se sentia e conhecia que era completamente inapto e mesmo inepto ?

Depois, não ha por ahi tantos bachareis vadios por falta de clientes ou por-

que não querem advogar, que estão mesmo a calhar para a função de jurados? E elle, que estava preso ás obrigações do seu emprego, que não arredava pé do escriptorio desde a entrada até á sahida, porque a sua menor ausencia perturbava todo o serviço, é que havia de ser obrigado a exercer essa função?...

Se fôsse empregado publico, vá lá; porque essa função de julgar seria até um derivativo para os profundos aborrecimentos produzidos por um publico impaciente, atrevido e exigente, e além disso seria ainda uma folga aos muitos cuidados e attenções exigidos pelo serviço, que, como se sabe, é constituido por longas palestras, repetidos cigarros fumados, constantes balas chupadas, supremas indifferenças pelos indiferentes, infimas bajulações aos influentes e pelo mais olympico despreso das publicas necessidades.

Não ha por ahi tanto cidadão conspicuo, para quem a honra de ser jurado é tão desejavel e consideravel como a

de ser Conde, Barão ou official da Guarda Nacional ?!...

E assim pensando, Cassio resolveu dirigir ao Juiz de Direito a seguinte Representação-Petição :

« *Meritissimo Juiz, etc., etc.*

O abaixo assignado, no exercicio de um direito que lhe é garantido pela nossa Constituição Politica, pede venia para representar a V. Ex. o seguinte :

O Representante foi sorteado e intimado para servir na presente sessão do Jury ; mas, na sua qualidade de empregado particular, que não pode ser promptamente e facilmente substituído, elle acha-se na contingencia de não obedecer á intimação, pelo justo motivo de já estar adstricto a outra obrigação muito anterior.

Parece-lhe, aliás em boa logica biologica, psychologica e deontologica, que, no caso de concorrerem duas ou mais obrigações, deve prevalecer a mais antiga, principalmente quando a anterioridade desta já constituiu um verdadeiro habito.

Ora, as exigencias dessa sua obri-

gação preexistente são de tal natureza e tantas, que o Representante só as pode symbolizar na imagem sugerida pela vista de qualquer prisão.

Elle está, de facto, preso e muito preso a essas exigencias, e quer-lhe parecer tambem que quem está preso não pode nem deve servir no julgamento de quem anda solto ou quasi.

Além desses motivos, que já não são pouco ponderosos, ocorre-lhe mais este, que elle julga de muito maior peso: — é que sentindo-se incapaz de se julgar a si proprio, muito mais o ha de ser para julgar os outros.

O Representante não pode occultar, outrossim, o grande amôr que tem á sua pelle; e, a proposito desse muito humano sentimento, respeitosamente lembra a V. Ex. que o recinto do austro tribunal já não offerece as garantias e a segurança indispensaveis ao livre e completo exercicio do sagrado e inviolavel direito á vida.

De facto, se até um réo, que está sob a inteira guarda da Lei e materialmente indefeso, pode ser covardemente assassinado em plena sessão do Jury, — não é justo e razoavel supor-se a que perigos ficam expostos os proprios juizes de facto, que, em geral, não andam armados ?...

Entretanto, como ha por ahi muitas pessoas, que, além de não saberem

como ocupar o seu tempo, sentem immenso prazer em julgar os seus similhantes e até nem occultam a sua indignação quando recusadas por qualquer das partes, o Representante, — que jámais soube o que é o ocio puro, nem sentiria nunca o tal prazer de julgar, — não pretende tambem a facil gloria de exercer uma função que tão desejada é pelos outros, e para a qual elle se confessa perfeitamente inapto.

Nestes termos, pois, e em pról da tranquillidade da sua consciencia e da integridade da sua pélle, — o Representante de novo pede venia, agóra para se transformar em Supplicante e para respeitosamente requerer a V. Ex. que o dispense dos trabalhos do Jury.

O Supplicante sabe muito bem que poderia juntar um attestado medico para justificar a sua petição, mas como elle não quer que ninguem seja obrigado a mentir em seu proveito, prefeire instruila com a possivel verdade, tanto mais que elle se considera neste momento um confessando aos pés da Justiça. »

Datou, assignou e remetteu ao destino. O Meritissimo, porém, — que era um

convencido de que a existencia das religiões depende só e exclusivamente da pratica ininterrupta dos respectivos cultos, — leu a representação com aquella invejável paciencia de quem está muito acostumado a ler as *razões* de bachareis mais ou menos nephelibatas, mas indeferiu terminantemente a parte peticional.

Nem de outro modo podia ser, porque, do contrario, ficava estabelecido um grave precedente e... era uma vez a sacrosanta religião da justiça!...

Cassio, então, não teve remedio senão iniciar-se nos mysterios da Lei, e foi assim que elle descobriu que em todos os mysterios ha sempre um ponto fraco.

Juraria suspeição em todos os processos, uma vez que a Lei não obriga á conissão da suspeita.

Mas a satisfação mais intima que elle sentiu na solução desse complicado caso de consciencia, foi a de convencer-se imediatamente de que a sua ficava

livre e tranquilla com o simples juramento exigido pela Lei.

Nunca seria um juramento falso, porque a sua suspeição — tanto se podia basear no desconhecimento da causa, visto que, em geral, os testemunhos nem todos são fidedignos, — como na influencia que a sua paixão ou compaixão pudesse exercer no julgamento de quem tem a já grande infelicidade de comparecer á barra do tribunal popular.

Se a falta de confiança nos depoimentos já era razão efficiente para crear uma dolorosa duvida no seu espirito de analysta, — que não seria o seu julgamento através de uma intempestiva piedade, ou deformado pelas áscuas de uma subita paixão ?...

E, então, para não errar, porque, para elle, não ha peiores nem maiores erros do que os erros judiciarios, resol-
veu não julgar nunca os seus similhanas.

Mas, como os seus repetidos juramen-
tos de suspeição, perturbavam sempre a
serena commodidade dos juizes já indi-

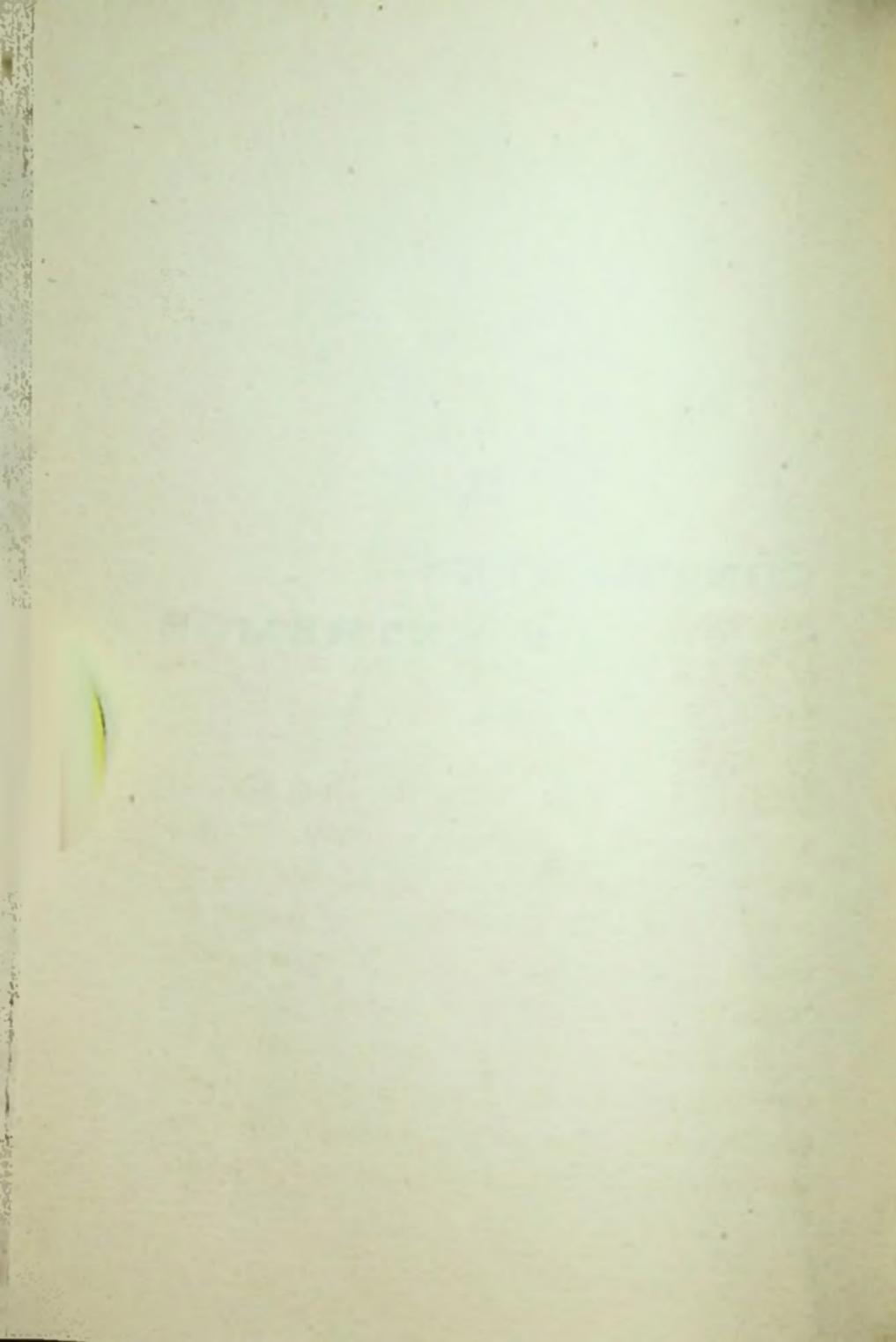
lentemente refestelados nas confortaveis poltronas da sala do Jury, — foi o seu nome excluido da lista dos jurados.

Emfim ! — exclamou elle, satisfeito. — Com que prazer poderei dormir tranquillo, — sem o minimo remorso de haver praticado um acto de duvidosa justiça ou de injustiça clamorosa !



IX

CONTRASTES
E EXTREMOS



IX



ASSIO já residia ha alguns annos na rua Bonita, que, por signal, é uma das mais feias de São Paulo.

Mas, como os alugueis ahi eram mais em conta, e o ponto de vista alguma cousa offerecia de agradavel em certos dias, elle escolhera esse pobre recanto da nossa luxuosa capital para nelle installar o seu modesto *home*.

Nos dias bruscos, frios e humidos, que nesta terra tão frequentes são, muito sentia elle a chocante influencia dos contrastes que o circumdavam, indignando-

se, por exemplo, quando via um reles circo de cavallinhos a funcionar proximo do edificio em que se reune o Congresso legislativo ; quando passava pela unica casa terrea e vetusta que havia na rua Direita ; quando reparava nos feios erros do alinhamento moderno, que pôz cotovêllos, barrigas e bôcas em nossas ruas centraes ; — mas a sua indignação subia de ponto, nesses tristes dias, quando avistava o nosso Theatro Municipal.

— Que horror ! — exclamava elle. — Esta verdadeira joia architectonica estragada na majestosa imponencia do seu aspecto pela vizinhança dessa pavorosa caranguejola de ferros velhos, que é o Viaducto do Chá !... E aquellas casas fronteiras com a sua fileira de sotãozinhos no alto dos telhados, que até parecem barraquinhas de banhistas ao longo de alguma praia aerea ?!...

Mas, como era fundamentalmente inimigo de todo o espirito de systema, e

sabia que os extremos tocam-se, — passada a sua primeira subita explosão de pessimismo sugerido pela depressora influencia do mau tempo, — reentrava de novo no seu habitual estado de espirito, que era um salutar optimismo. E, então, pensava, sorrindo :

— Ora! As aguias e os condores tambem têm piolhos como qualquer estupida gallinha. O cerebro, — ninho do pensamento e sacrario da razão, — depende miseravelmente das contracções peristalticas do ultra-prosaico intestino...

Lembrava-se tambem que são os nitratos e phosphatos extrahidos das regiões desertas e uberrimas do Novo Mundo, que vão fertilizar as exhaustas e cansadas terras da populosa e velha Europa ; e, depois de meditar sobre os progressos da sciencia, cujos processos tanto servem para contar e pesar as estrellas como para contar e baptisar microbios, terminava com esta tirada :

— Pois não estou eu aqui, que ando de cabeça orgulhosamente erguida, ao

passo que meus pés tantas vezes patinharam na lama?...

Depois, ocorria-lhe, ainda, o flagrante antagonismo que ha, na apreciação das intempéries, entre os habitantes das cidades e os dos campos. Estes raramente se entristecem, quando os vapores condensados no ar frio se resolvem em repetidos aguaceiros. E' que a chuva fertiliza a terra e faz a seiva circular mais activamente na gloriosa e util tarefa de se desdobrar em folhas, flores e fructos.

Mas os habitantes das cidades, para quem cinco minutos de mau tempo são mais aborriveis do que mezes inteiros de soalheiras, só pensam que as suas vestes se molham e sujam, e que ficam prejudicadas as suas diversões.

O pessimismo das cidades é o optimismo dos campos, e vice-versa.

Ali, o tédio da vida; aqui, a alegria de viver: — dois estados d'alma diametralmente opostos, e, no entanto, produzidos pela mesmíssima causa natural.

E' que o mesmo raio de luz pode ser diversamente decomposto, segundo o prisma que atravessa.

Já sabemos que elle era casado ; e, agora, da sua esposa só se pode fazer um curto elogio : — era boa esposa e boa dona de casa. Se não era boa mãe, é porque só a falta de filhos não permittia que se lhe accrescentasse esse outro substantivo bem adjectivado.

Ora, numa das bellas e raras manhãs primaveraes, Cassio levantara-se muito cedo e viera para a janella receber o morno calór do sol nascente e aspirar fortes haustos de fresco e puro ar.

O scenario que se desdobrava á sua vista era esplendido, sob a luminosa dia-phaneidade das alturas.

Aqui, a casaria da esquerda, largamente insolarada, fulgurando em reverberos de vidraças, galgava pelos barrancos, milagrosamente equilibrada ; ali, á direita, uma frondosa e alta arvore, onde

chilreava a trefega passarada; além, a suave collina do Cambucy, semeada de casas brancas, entre as quaes avultava como sentinella eterna a egreja da Gloria, atirando para a amplidão o seu esguio e ardoiado campanario, e ao fundo, na sua frente, numa vasta extensão, negrejava o verde pantanoso da varzea da Moóca recortado, ao meio, pelo tortuoso Tamanduatehy e, mais longe, pela linha da Ingleza, onde a espaços colleava um longo reptil de madeiras escuras e de metaes rebrilhantes, soltando estridentes silvos e vomitando uma grossa e longa baforada de vapor alvo, que ficava pairando baixo, no ar fresco, como outro reptil gazoso acompanhando o solido...

Contemplava elle o quadro que ahi fica apenas esboçado, quando a sua attenção foi attrahida pelo Zacharias, que appareceu no meio da rua a gesticular e a falar alto.

O Zacharias era um desses typos populares que se encontram em todas as

grandes agglomerações humanas. Mulato, baixo, zambro, caolho e zanaga, porque o unico olho que lhe restava ainda assim era estrábico e cataráctico, — constituia um desses mostrengos da natureza, que, no dizer de Chateaubriand, são a excepção da regra que affirma a finalidade da Creação.

Mas, á parte as momentâneas excitações produzidas pela absorpção de alcoolicos que lhe propinavam certos sujetos com pretenções de engraxados, — era um ente inoffensivo. Isto, quanto ao physico ; porque, quanto ao intellectual, era a synthese da imbecilidade.

Vivia ziguezagueando pelas ruas, muito sujo e muito rôto ; ora em cabelo, ora com chapéus inverosimeis, mas sempre descalço ; gesticulando, lendo ou fingindo que lia jornaes ou listas de loterias ; falando alto e mesmo gritando, e a cada passo erguendo vivas :

— Viva o santo doutor Fausto !

— Viva o santo doutor Fernandes !

— Viva o grande homem santo doutor Guimarães !

Para elle, todos os que prestassem alguns momentos de attenção á sua fraca loucura, mereciam o nome de *santos*, o titulo de *doutores* e o qualificativo de *grandes*.

Em summa, era uma segunda edição do conhecido preto *Leoncio*, com bebedeiras, boca, olhos e juizo de menos, e com clareza de mais, mas só na pelle, bem enteidido.

Estava, pois, o Zacharias na rua a falar alto, quando um pequeno se approximou delle e lhe pediu :

— O' Zacharia... mi dá um parpite p'ra mim ?

O Zacharias fez uma pírueta, atirou o chapéu ao chão, ergueu o unico olho vêsgo para o céu limpidamente azul, juntou as mãos como quem supplica a Deus, e, fazendo — se é possivel ! — uma carantonha mais horrivel do que a sua

natural, respondeu, cuspinhando em círculo e balançando a perna torta:

— *Ah! sinhosinho, hoje dá a cabra...*
E gargalhou sinistramente.

Que tumultuar de pensamentos no cerebro de Cassio, quando elle ouviu aquelle pedido feito por uma creança — depositaria talvez das mais caras esperanças paternas, — e quando elle observou aquella dadiva feita por um cretino, — viva negação dos mais nobres sentimentos!...

Uma grande tristeza dimanou de toda aquella scena rapida como um desastre, e, qual vaga crescente e temerosa, veiu subindo até á sua alma, que nella ficou submersa durante alguns momentos.

A propria paizagem, ha pouco tão cheia de luz e tão nitida, resentiu-se dessa dolorosa subjectividade, pois reflectia-se-lhe agora na retina através das lagrimas que lhe marejavam dos olhos.

O seu espirito, porém, que sempre se

esforça em pairar acima da miseria humana, começou a reagir contra essa pungente emoção, arcabouçando nella uma série de considerações suggeridas pelo caso.

Achava flagrante a analogia que existe entre as sociedades e os organismos individuaes, e quanto mais observava mais se lhe firmava essa concepção, embora elle soubesse que os sociologos não são concordes.

Entendia que ainda hoje, em pleno seculo vinte, não são conhecidas as funções de certos órgãos sociaes, é verdade; mas essa ignorancia da nossa parte não implica de modo algum a negação daquella analogia. Porque? Porque em qualquer outro organismo, no humano, — por exemplo, — ha tambem certos órgãos cujas funções ainda não foram determinadas com precisão, apesar dos reaes e incontestaveis progressos da physiologia e outras sciencias co-relatas.

O baço, o appendice e os musculos auriculares, certo, desempenham no cor-

po humano funcções desconhecidas; mas, porque não conhecemos essas funcções, iremos affirmar que esse corpo não é um organismo?

Para elle, pois, a sociedade é um organismo; e nisso elle estava certo de que apenas imitava o pensar do velho Menenio Agrippa, divergindo deste sómente no precisar qual é o orgão das sociedades que corresponde ao estomago dos individuos.

Ora, se admittirmos para as sociedades, — pensava elle, — as mesmas contingencias a que estão sujeitos os organismos individuaes, a analogia ainda se torna mais evidente e mais fecunda em idéas.

A physiologia acaba de verificar que a *tuberculose* é molestia propria de organismos fracos e que o *cancro* prefere os organismos fortes.

Imaginando-se, portanto, analogicamente, que, o que nos individuos se denomina *molestia* tome nas sociedades o nome de *vicio*, facil é descobrir que

aquellas duas terríveis molestias individuaes têm os seus perfeitos similes sociaes no *jogo* e no *militarismo*.

Numa sociedade moralmente fraca, o terreno é favorável à medrança de muitos vícios, principalmente o do *jogo*, que faz estragos irreparáveis; mas, numa sociedade moralmente forte, o peior vício ou a peior molestia é o *militarismo*, que corrói todas as forças vivas.

Como se deve proceder à cura dessas molestias sociaes, mesmo na *hypothese* de que os seus similes individuaes sejam incuráveis?

E' ainda a analogia que, — para elle, — resolve a questão, porque se os organismos individuaes resistem muitas vezes às investidas da molestia, oppondo-lhes a *vis medica* natural, também os organismos sociaes podem resistir às insidias do vício, contrapondo-lhes a virtude, que é a sua *vis medica*.

Depois de feitas essas considerações, que só eram originaes na sua paradoxal

conclusão, retirou-se da janella e foi tomar café.

E enquanto esperava o almoço, consoante o seu antigo costume, foi estudar ou escrever, em vez de ir bisbilhotar na venda da esquina, á porta da qual o Zacharias gritava agora :

— Viva o santo grande homem seu Maneco!...

Terminado o almoço, dirigiu-se vagarosamente para o seu serviço, que era no centro da cidade, onde chegou pontual como sempre.

Ora, nesse tempo, e fronteira ao escriptorio em que elle trabalhava, aos poucos ia-se erguendo a pesada e fulva massa de uma casa em construcção.

Eram as paredes de tijolo que subiam; era o vigamento de ferro pintado a zarcão, que se estendia em linhas rigorosamente horizontaes ou que se levantava em longas linhas verticaes, destacando no claro azul do céu como se fossem os

riscos vermelhos do immenso livro do infinito...

Nos curtos momentos de folga dos complicados calculos de contabilidade, que lhe absorviam todo o tempo das dez da manhã até quasi ás cinco horas da tarde, Cassio repousava o seu olhar cansado de algarismos naquelle paulatina evolução estructural.

Os pedreiros, suando em bica, sob um sol ardente, assentavam os tijolos um a um, enquanto os serventes, quasi todos creanças ou velhos, remendados e sujos, conduziam sem cessar, — modernos Sisyphos do inferno social, — pesadas latas cheias de agua ou de argamassa, cujo conteúdo rapidamente desapparecia absorvido em cada centimetro das juncções.

Cassio, então, nesse dia, numa das suas meditações retrospectivas, ao mesmo tempo que descansava os olhos, revia-se mentalmente na época em que era creança e quando o seu pai, que tambem fôra pedreiro, antes de ir para o seu pesado trabalho, lhe deixava contas ou

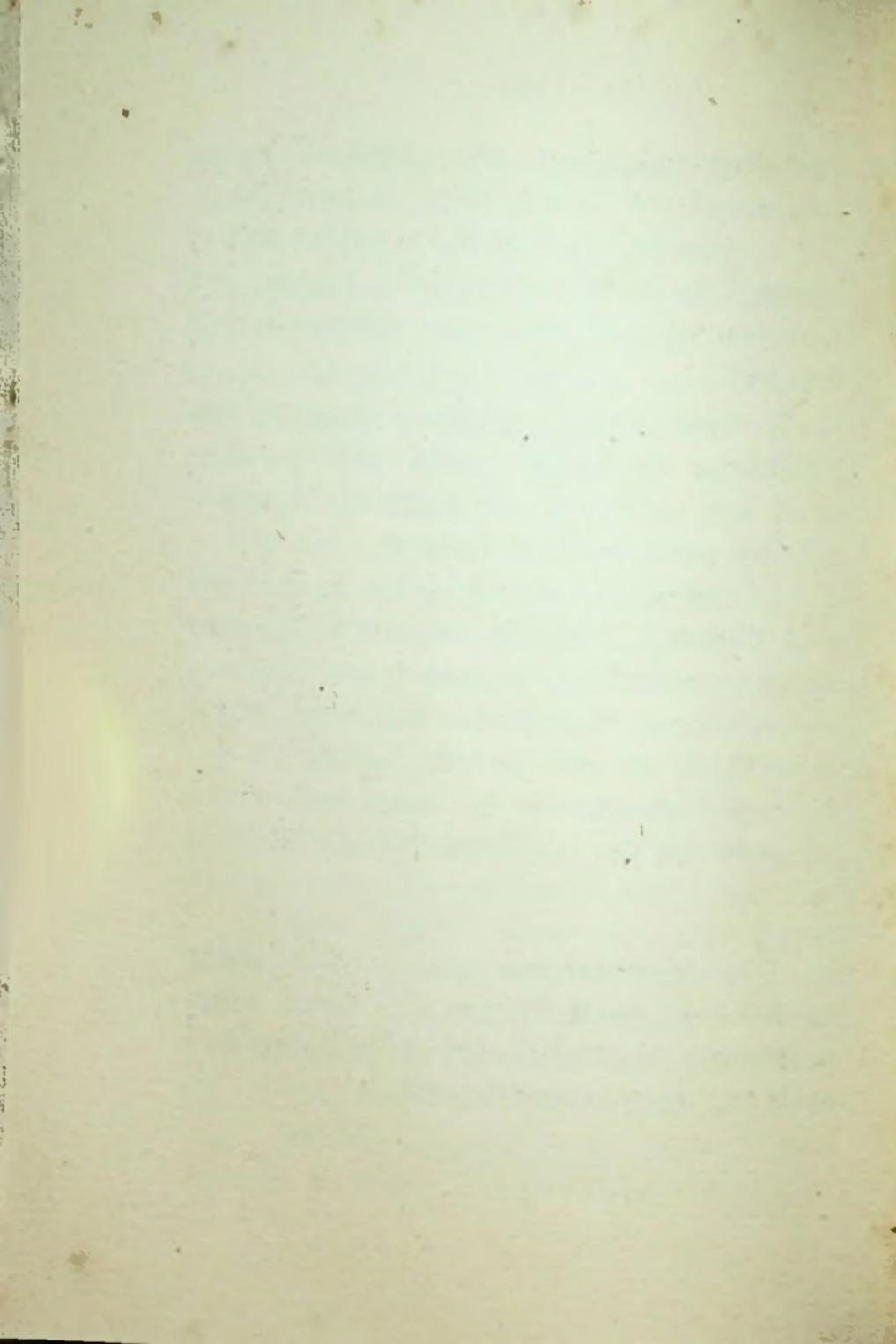
problemas para que elle as fizesse ou os resolvesse até á sua volta, á noitinha...

— Olha lá, — dizia-lhe o pai ao sahir; se me não fazes isso direito, faço-te eu servente de pedreiro, para saberes o que é bom!

E Cassio, revivendo esse passado tão longinquuo já, mais ainda tão poetico para ser evocado em fecundas comparações, pensou de si para si:

— Sagrado temor que faz os homens e os deuses ! Bemdita exigencia do santo amor paterno ! Se eu não fôsse timorato e se meu pai fôsse menos exigente, quem sabe lá se eu não estaria agora ali de-fronte, supportando o mau humor do mestres ou as inclemencias do sol ?!...

E só interrompeu estas considerações subjectivas, quando um dos seus companheiros lhe fez uma consulta sobre matéria do seu mesmo serviço.



X

REACÇÕES E ANALYSES

X



UE o meio reage sobre o individuo, é facto incontestavel, mas não é menos verdade que o individuo reage sobre o meio.

A questão é que o individuo possua qualidades intrinsecas, que o tornem capaz dessa reacção.

Essas qualidades consistem principalmente numa constante actividade de espirito, numa vontade disciplinada e forte, numa inconfundivel originalidade de concepções, numa ardente ambição de riqueza ou de glorias e numa viva imaginação constructiva e creadora.

Ora, como a concurrencia de todas essas qualidades no mesmo individuo é mais rara do que se pensa, assim se explica a submissão das grandes maiorias ás necessarias reacções do meio.

As theorias democraticas assentam todas sobre a predominancia das maiorias, e acabam por degenerar, mais cedo ou mais tarde, em puras manifestações demagogicas, como nos prova a lição da historia.

E o senso communum ?

Esse, embora seja communum, está muito longe de ser absoluto.

Nos manicomios ha tambem o senso communum... aos manicomios, e se estes se generalizassem, segundo as systemáticas insinuações dos psychiatras, que seria do tal senso communum, em que tenazmente se estribam os Sanchos Pansas de todos os tempos ?...

Donde se conclue que, na apreciação de qualquer facto, por mais insignificante que elle seja, mais se deve consider-

rar a qualidade do que a quantidade de apreciadores.

Cassio, que era um espirito profundamente inquieto, e possuia em certo grau quasi todas as demais qualidades reactoras, excepto a ambição de riquezas porque só alimentava a de glorias, — jamais fôra um submisso intellectual, embora reconhecesse que a vida de relação é uma continua transigencia.

Se nas suas concepções apparecem, aqui e ali, simples truismos ou idéas vulgares, é que de outro modo não pode ser.

Elle dispõe essas cousas communs como se podem dispôr as vulgares letras do alphabeto, ou joga com ellas como se pode jogar com as palavras que enchem os vocabularios — patrimonio da nossa lingua; mas, através desse arranjo mais ou menos interessante, deixando na sombra essa disposição mais ou menos habil, transparecem claramente o seu temperamento de artista e a inconfundivel originalidade das suas conclusões.

Um dia, quando por aqui appareceu uma creança - prodigo, que conseguiu jungir ao teclado de um piano todo o *snobismo* local, Cassio aproveitou a oportunidade para principiar a sua reacção.

Escreveu uma 'chronica a respeito, para o jornal em que então collaborava gratuitamente, e mesmo sem ser conhecido da redacção. Confessava-se contrario á fabricaçāo dos meninos-prodigios, que elle considerava productos industriaes como gatos ou cachorros amestrados para serem exhibidos nos picadeiros dos circos ; mostrava a que maravilhas de paciencia pode conduzir um treino systematico, citando o conhecido caso de presos que chegam á perfeição de ensinar pulgas ou piolhos ; provava que uma creança qualquer, antes de adquirir o completo conhecimento da mecanica de um piano, é obrigada por quem nisso tem interesse a estudar diariamente tantas horas ininterruptas, e terminava lamentando-se que a ignorância e a indoléncia das pessoas de classes elevadas, que sempre acham tempo para divertir-se, impõem-se a necessidade de se recorrer a estudos de tanta dureza.

tando que houvesse alguem tão pobre de escrupulos que não trepidasse em architectar a sua riqueza material sobre a dolorosa exploração de uma creança, que estava mais na edade de brincar do que na de conhecer tão precocemente as agruras da vida já de si tão certas como a successão dos dias, etc., etc.

Não foi publicada a chronica...

Porque ? Não indagou, mas tambem não escreveu mais para o referido jornal.

Passados dias, sendo apresentado por acaso ao redactor, este desculpou-se como pôde, allegando não querer abrir luta com o maestro Fulano, com o professor Sicrano, com o *critico* Beltrano, que todos haviam ficado de boca aberta em presença das reaes habilidades do rapazelho.

O primeiro impeto de Cassio foi o de commentar a desculpa, dizendo que es-
sas respeitaveis pessoas, em vez de fi-
carem de boca aberta diante do peque-
no pianista, talvez tivessem ficado de
bolsa aberta em presençā do respectivo
empresario ; mas, reconsiderando ser bem

possivel a simultaneidade accional das duas alternativas, não fez commentario algum e limitou-se a dizer ao redactor, com a sua rude franqueza, que não colaboraria mais para jornal que ainda exercesse as anachronicas funcções de mesa do Santo Officio.

O impulso, porém, estava dado; agora era continuar, seguir ávante, reagir, porque a paralysia é peior do que a morte.

E, então, Cassio começou a planejar um estudo dos personagens que neste meio são considerados como importantes sob qualquer aspecto.

Toda a sua difficultade, no principio, consistiu apenas na escolha, porque a leziria é de uma fertilidade de assombrar.

Aqui, todos são importantes, ou pretendem ser assim considerados.

Logo, elle descobriu os negociantes pouco escrupulosos na éthica do seu estomago moral, os sabios de pacotilha, os *arrivistas* por casamento, os candidatos pretenciosos, os bachareis espanéficos,

os deputados eroticos, os jornalistas venaes, os legisladores trimalcionicos, os industriaes abovinados, e outros e outros muitos, que muito harmonicamente se agitavam na mais densa atmosphera das sagradas conveniencias sociaes.

Era um bloco perfeito e forte, contra o qual ninguem jamais tivera a hombridade e a audacia de se mostrar irreverente.

Porque?

E' que tambem havia no ambiente a mais franciscana pobreza de originalidade.

Meio constantemente envolvido em fumaças de grandeza e de matas incendiadas, parece que esse estado normal é um permanente obstaculo á nitida visão das cousas; e se não evolue e não se resolve sómente em fumaças, é porque repousa todo elle no magnifico *substratum* geologico que origina e mantém toda a sua fortuna.

Ora, sobre a forte nudez dessa verdade ia elle desdobrar o diaphano manto

da fantasia, para seguir o artistico preceito do grande mestre da ironia portugueza.

Mas, em quanto meditava na pobreza de originalidade que se nota neste rico meio, Cassio lembrava-se a cada passo do seu vizinho Alfredo Mendes, ou, antes, Dr. Alfredo Mendes, como ele a si proprio se designa nos seus cartões e papeis epistolares, e nas vistosas placas affixadas aos humbraes da sua residencia e do seu escriptorio.

Fizera o curso de sciencias socaes e juridicas, o que quer dizer que frequentara mais ou menos assiduamente as respectivas aulas da nossa Faculdade que compulsara mais ou menos proveitosamente os compendios adquiridos por todos os meios e modos permittidos e possiveis, e que ao fim de cada anno do curso, por um desses bamburrios cuja explicação scientifica será sempre a inognita do problema do acaso, conseguia regularmente uma approvação plena.

Nesse andar, facilmente chegara á fi

nal approvaçāo, bacharelando-se, portanto, como a grande maioria de bachareis que por ahi enxameiam.

Como estudante, jamais conseguira emergir do nível abaixo do qual pullulam e medram as nullidades academicas, isto é, foi o typo do estudante moderno: — muito cheio de idéas e pretenções estultas, de namoradas e gravatas inverosimeis; mas muito carecente de recursos pecuniarios e de grammatica portugueza. Era, porém, audaz e forte de vontade.

Por vezes, quando ainda cursava as aulas, essa vontade e essa audacia, que são até hoje a sua *intima vis*, tentaram explodir e abrir caminho no meio dos seus collegas, — em discursos repletos de solecismos e pleonasmos; mas o misoneismo classico promptamente sopitara essas velleidades tribunicias sob a sua forma mais eloquente e vulgar: — a vaia.

Livre das arcadas bolorentas do vetusto casarão, que outr'ora fôra convento de franciscanos (oh! como são ferinas as ironias do acaso!...), entregue aos seus

proprios recursos e sem a preoccupaçāo do meio em que se nullificara durante mais de cinco annos, entrou na vida pratica com a firme disposiçāo de fazer figura, de apparecer, de se tornar celebre, de ser original...

E essa vontade de sobresahir, esse desejo de ultrapassar a atmosphera em que vegetou desde a ponta dos bancos de *preparatorios* até ao extremo dos bancos academicos, era nelle tão energico e tão vivaz, que na maioria das vezes não escolhia os meios de se manifestar, ainda que esses meios fossem os mais esdrúxulos. A sua idéa predominante, quasi monomania, é apparecer a todo transe, tornar-se evidente de qualquer modo, em qualquer parte e seja como fôr.

E' este o rumo que seguem todos os seus actos.

Na primeira vez que occupou a tribuna do Jury, em defesa de um reles gatuno que esvaziara um gallinheiro pouco provido, assombrou os ouvintes com gestos descompassados e paradoxos es-

tapafurdios, e ensurdeceu-os com gritos estridentes e punhadas fortemente repetidas na mesa que lhe ficava propinqua.

Dr. Grulha : — foi o nome com que o chrismaram nessa sessão, e já não era pouco para quem tanto desejava subir no publico conceito. O que é facto é que todos os que sentiram a desventura de ouvil-o na sua estréa, sahiram fazendo sinceros votos pela ventura de não mais o ouvirem.

Conversando, é tão absorvente como o algodão hydrophilo, porque só elle fala, interroga e responde, e ainda por cima pega nas abas ou nos botões do paletot do seu interlocutor... *in nomine*.

Rara é a manhã em que elle não dá dois dedos de prosa a Cassio, enquanto este, á janella, espera o vendedor de jornaes.

Ha dias disse-lhe muito sériamente que se levantara com impetos de sahir para a rua a falar alto, a gritar, para chamar a attenção dos indigenas pacatos, respeitadores das conveniencias sociaes.

— E que me diz o vizinho, — perguntou elle, — se eu fosse para a rua *Quinze* no alto de umas pernas de pau?!... Que bruto successo, hein!... E' um *réclame* como qualquer outro, e com a vantagem de não ser barulhento. Sim; porque eu até hoje me estribo na convicção de que o povo gosta mais de vêr do que de ouvir...

E seguiu por ahi além, numa explanação que só foi interrompida pela retirada de Cassio.

Na quinta-feira santa passada estava Cassio tomando café, de manhãzinha, quando ouviu grande rumor na rua, distinguindo claramente que diziam:

— *O' Carnavá... hu!... Carnavá... hu... hu... hu...!*...

Eram tres garotos que defronte da casa do Dr. Alfredo Mendes pulavam e dansavam, repetindo aquelles gritos e misturando-os com assobios que tiravam da boca por entre os dedos.

E' que o Dr. Alfredo estava ao portão de sua casa com um *frack* vestido

do avesso e com um pavoroso chapeu de palha branca sem abas a cobrir-lhe a cabeça.

— Canalha! — vociferava elle, socando o ar com as mãos fechadas. — Sucia de idiotas!... Não se pode ser original nesta terra de imitadores servis!...

E voltando-se para Cassio, que viera observar a scena com certo interesse psychologico, accrescentou:

— Veja o vizinho como é difficil extirpar um preconceito do vulgo ignaro! Esta corja não raciocina, não tem logica, nem sabe onde tem os pés, porque, do contrario, comprehenderia immediatamente que toda a minha roupa custou dinheiro desde o primeiro fio do tecido até á tinta do ultimo botão, e que eu, portanto, que sou o seu actual proprietario, posso usal-a consoante me aprovver, comtanto que não fira direito de terceiros, nem offendá o publico decóro. Eu, já se vê, não enfiarei as calças na cabeça, não pendurarei os sapatos nas orelhas nem calçarei as meias nas mãos,

porque, — graças a Deus! — não sou nenhum cretino; mas não concordo em absoluto com essa idéa de *direito* e *avesso*, que tão arraigada está no espirito das massas. Convenção estupida, vizinho, que não tem fundamento algum, nem scientifico nem artistico. Olhe... aqui está o meu lenço de algibeira. O vizinho sabe que este quadrado de pano branco, porque é embainhado, tambem tem o tal *direito* e *avesso*. Pois bem; a gente serve-se delle sem reparar e sem que ninguem repare nessa circumstancia; limpa o nariz ou os labios com qualquer dos lados, indistinctamente, e nem por isso o Zé Povinho se dá ao trabalho de nos censurar ou vaiar. Não é verdade?...

Um dia sugeriu ao director do Serviço Sanitario que mandasse abrir o gaz dos combustores publicos, durante duas horas em pleno dia e diariamente, para debellar uma epidemia de coqueluche; e, ao terminar o seculo passado, enviou á Academia Brazileira de Letras uma bem

fundada representação, concitando-a a iniciar o novo seculo com uma reforma radical da ortographia portugueza.

Até parecia um precursor!...

E Cassio, sorrindo a essas lembranças, dizia de si para consigo:

— E são assim os originaes que por aqui raramente aparecem. Ou assim ou similhantes ao Mattos Guerra.

Este, falava muito de si proprio, no que, — verdade, verdade, — não havia originalidade alguma; porém Cassio nada perdera em ouvir-lhe as interessantes palestras egotistas, que ás vezes assumiam proporções de verdadeiras conferencias.

Foi assim que elle conseguira conhecer grande parte do viver intimo do Mattos Guerra sem lhe ser preciso lançar mão do já estafado recurso da *interview*.

Dizia elle que aprecia extraordinariamente a cama de manhã cedo, não pelo mero prazer de dormir a somno solto

quando o sol já vae alto e a passarada chilrêa alegremenre no arvoredo do quinal, mas pelo morno prazer inherente aos lençóes aquecidos pelo contacto de um corpo humano durante o decubito de sete horas mais ou menos.

Essa tendencia para permanecer na cama de manhã, embora acordado, outra cousa não é, — diz elle, — senão a doce reminiscencia atavica da divina vadiação edenica, antes de Eva ter sorvido com Adão o delicioso fructo da arvore do Bem e do Mal.

E não é só isso, — continua; é tambem o argumento mais convincente, o protesto mais energico e efficaz contra essa pretensa philosophia que preconiza a submissão do homem á dura lei do trabalho.

Não dormir, não estar acordado, não pensar, não ter ambição alguma, não sentir os aguilhões da necessidade orgânica ou social... Haverá situação mais agradavel? — perguntava elle entusiasmado. E logo respondia: — Não ha du-

vida; a cama de manhã cedo é o verdadeiro Paraíso Terreal, principalmente se lhe não falta a ultima criação de Deus e a gente sabe ser Adão!...

Mas, como, infelizmente, nesse Paraíso tambem apparece o demonio disfarçado na serpente da curiosidade, lá se ergue o novo Adão tentado pelas seduções da vida que tumultua cá por fóra, e só na manhã seguinte reatará o fio momentaneamente quebrado dessa paradiaca illusão.

Antes, porém, de sahir para a rua, faz os seus exercícios hygienicos quer em relaçao ao corpo, quer ao espirito, pcrque elle é sincero crente na dualidade humana.

Assim, lava o corpo da cabeça aos pés, inverte a sua posição estatico-vertical durante cinco minutos, ficando de pernas para o ar e as mãos no chão; tenta dar alguns... Sim; embora com as mãos, devem ser passos ou causa parecida. Emfim, tenta dar alguns *passos* nessa posição; bate com a bengala na

orla da banheira, para observar se os ouvidos funcionam regularmente ; abre as janellas dos fundos, donde se descortina o verde negro perfil da Cantareira, afim de sentir se olhos estão perfeitos ; enfia o nariz curioso e longo pelos escusos cantos da casa, para conhecer se o olfacto está regulando ; dá beliscões nas pernas e nos braços, para analysar a sua acuidade tactil, e põe na lingua uma pedra de sal e um torrão de assucar, para medir a intensidade do paladar. Isto, quanto á hygiene do corpo, porque, no que diz respeito á do espirito, os exercicios são mais complicados, como se vai ver.

Primeiro, abre um livro qualquer e lê um periodo sem usar da palavra falada. Repete a leitura em voz alta, decor-a e, em seguida, translada o periodo para o papel sob duas ou tres diversas formas syntaticas. Depois, addiciona ao escripto outros periodos compostos de idéas associadas pelo primeiro, e quasi sempre reduz tudo a versos, pois elle

conhece tanto a metrica e o rythmo como qualquer versejador que por ahi se enfeita com o titulo de poéta.

E assim analysa elle o estado do seu espirito nesse dia, e termina o exame por um forte ponta-pé no primeiro movel que lhe ficar mais proximo e por uma tremenda bofetada na humbreira da porta do quarto, porque, — diz elle, — o ponta-pé e a bofetada são expressões tão psychicas como a palavra escripta ou falada.

Em outras eras, seria um digno emulo de Santo Ignacio de Loyola, — tal a complicação dos seus exercicios espirituaes.

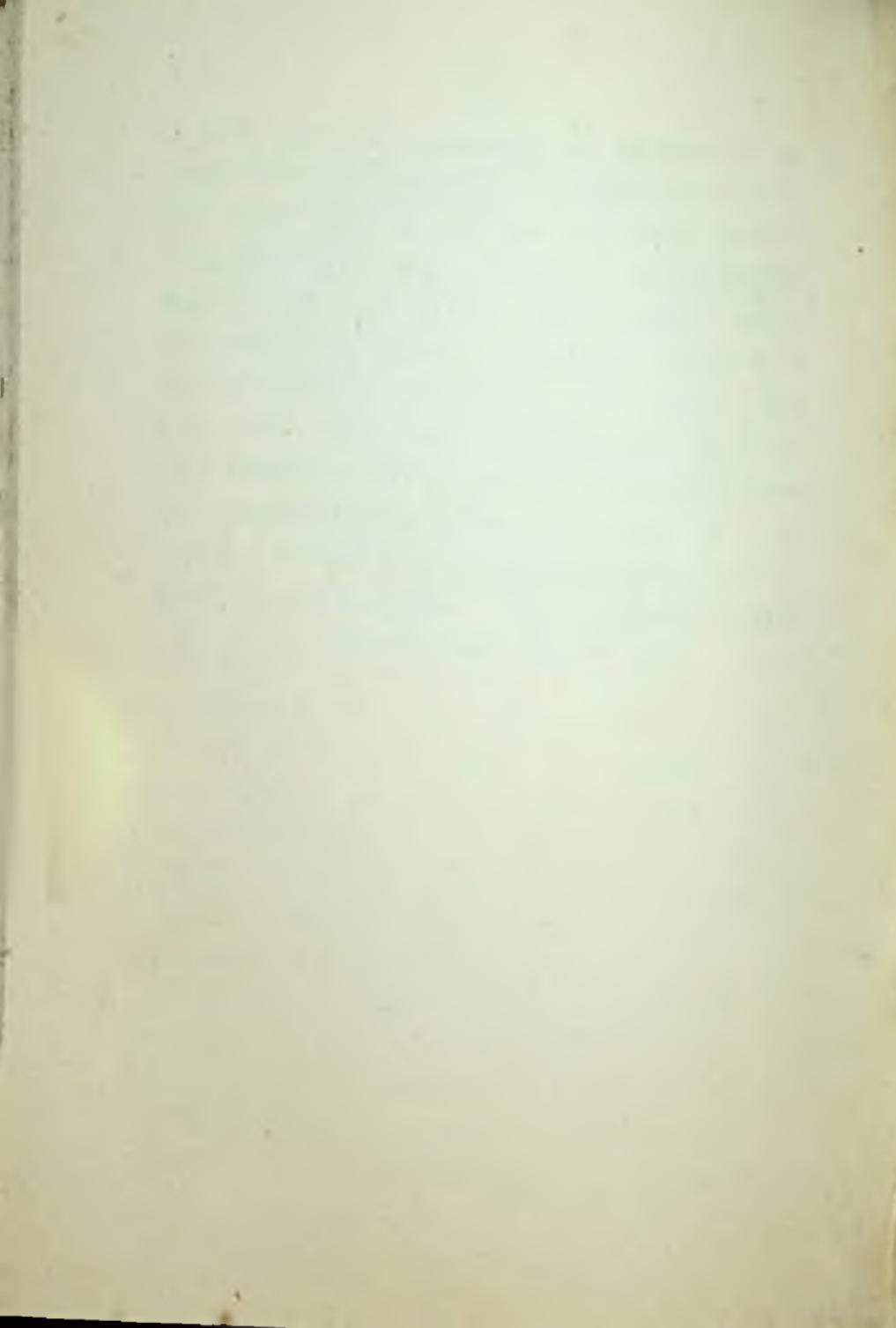
Diz ainda que do mesmo modo que a boca é o conducto normal da alimentação physica, os sentidos são os conductos normaes da alimentação intellec-tual, e acha admiravel a complicação destes comparada á simplicidade daquelle, que é um só.

Além disso, como a alimentação physica contribue para a estabilidade do corpo, tambem a alimentação intellectual

contribue para a estabilidade da alma, com a diferença sómente de que o corpo expelle os elementos desnecessarios e superfluos, ao passo que a alma, por mais que expilla, nenhum dos elementos absorvidos sae por completo, porque todos elles deixam sempre impressão profundamente gravada, que permite a todo o tempo a sua fiel reproduccão.

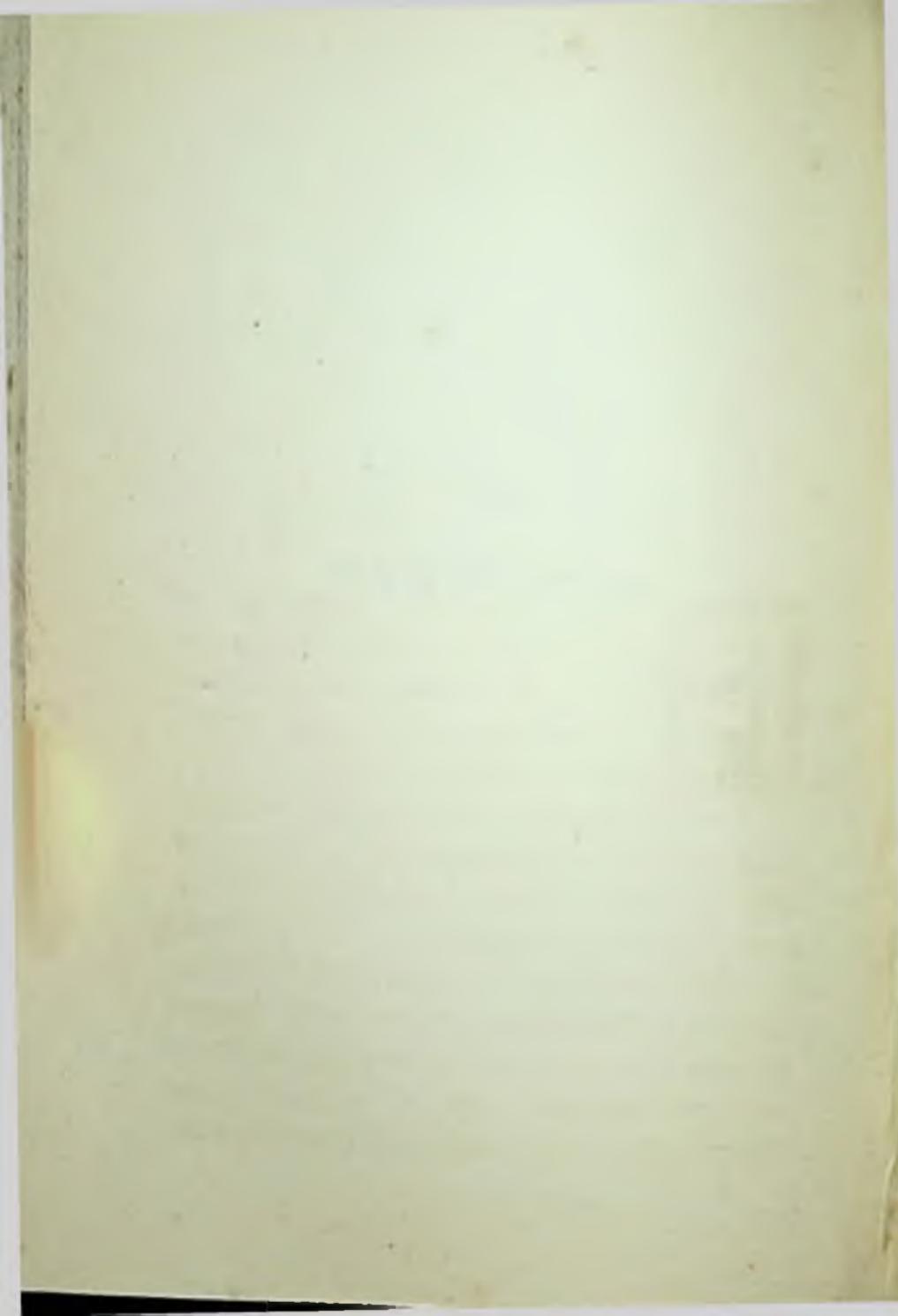
Dahi chega elle á conclusão de que os orgãos da alma, correspondentes aos que expellem as superfluidades da alimentação corporal, são a boca, os olhos, as mãos e mesmo a phisyonomia. Como se vê, á complexidade dos orgãos apprehensores da alma corresponde a complexidade dos respectivos orgãos expulsores, — o que é uma idéa deveras interessante, respeitando mesmo a flagrante analogia que ella estabelece entre a boca, os olhos, as mãos e a phisyonomia, — e aquella parte do corpo por onde outr'óra era expulso o diabo a golpes de exorcismos, quando o espirito das trevas se dava ao requintado luxo de perlustrar

as entranas de qualquer mortal. Não é que o mafarrico já tivesse deixado definitivamente de se dar a eses luxo de villegiaturas internas; mas hoje ninguem mais recorre ao latim liturgico, para expulsal-o. Bastam alguns grammas de sal amargo em dissolução, ou umas emulsões de oleo de ricino, para que elle seja expulso facilmente. E' verdade que elle se põe ao fresco acompanhado de ruidos hyperbolicos e exhalando odores characteristicamente sulphydricos; mas sae... Isso é que sae mesmo!



XI

SYNTHESE





ão lhe faltavam, portanto, os elementos com os quaes pudes-
se reagir vantajosamente con-
tra a absorvente preponderan-
cia do meio.

Evidentemente, elle devia escrever uma obra do seu tempo, se quizesse ser lido e comprehendido pela maioria dos seus contemporaneos.

Elle sabia que nos trabalhos retro-
spectivos, puramente literarios, o scena-
rio em que a accão se desenvolve deve
estar de acordo com as condições do
tempo e do espaço; mas sabia igualmente

que esses trabalhos só podem ser proveitosamente digeridos e assimilados quando os condimenta a philosophia da época em que são escriptos.

Até os trabalhos puramente historicos devem ser concebidos nas mesmas condições, — o que os torna menos verdadeiros, não ha duvida, mas, em compensação, perfeitamente comprehensiveis.

Dante, que na sua *Divina Comedia* começoou seguindo os passos de Virgilio, só se tornou realmente grande e humanamente comprehensivel, quando o seu peregrino espirito fez vibrar as intimas cordas das mais violentas paixões. Milton, quando cantou o seu *Paraíso Perdido*, — obra em que a parte da imaginativa é verdadeiramente assombrosa, — fêl-o talvez sem pensar que mais tarde deveria ser considerado o maior paladino do arianismo anglicano.

Mas, Shakspeare, nas suas geniaes tragedias, e Cervantes, no seu delicioso *Don Quixote*, envolveram as suas concepções nessa admiravel atmosphera mo-

ral, que é constituida pelas universaes tendencias do espirito humano.

Os ingleses, que são os legitimos progenitores do *snobismo*, transmittiram-nos esse estado psychologico, em virtude do qual ainda ha alguem que tenha a pa-ciencia de lêr o seu principal poeta religioso ; mas o seu profundo autor psychologico ha de ser sempre lido com o mesmo prazer com que se lê o inimitavel *D. Quixote*, porque a philosophia de ambos é sempre actual, assim como a *Divina Comedia* ha de ser sempre eterna como eternas são as paixoes que o altissimo poeta profligou.

Se já não ha quem se contente com o bucolico mel silvestre do Precursor evangelico, — porque a arte culinaria é hoje em dia uma verdadeira sciencia, ou uma verdadeira religião, como dizem alguns, — muito menos ha alguem que sacrisique o seu bom gosto com bolorentas psychologias.

Nesta ordem de idéas, occorrera-lhe,

porém, uma dificuldade, que elle só resolveu depois de longa meditação.

E' que os successos literarios da época baseiam-se quasi todos no movediço alicerce dos sentimentos e das paixões inferiores.

Assassinatos e suicidios, roubos e adulterios: — eis a trama pouco solida em que os contrafactores da Arte entretecem os fios da imaginação carecente de originalidade, equiparando assim as suas pretenciosas concepções ás roufenhas notas do realejo dos *Factos Diversos*.

Mas, se, de facto, aquella trama é a que persiste com desoladora constancia, como sahir da dificuldade? Como escrever qualquer cousa actual, que não gire em redor daquelles factos, que são a mesma actualidade?

Elle bem sabia que ha um processo muito facil de se escrever certos livros, que têm o seu sucesso garantido entre leitores mais ou menos tarados ou paranoicos, porque é sempre agradavel aos

enfermos saberem que alguém se interessa pelos seus achaques.

Esse processo consiste em abrir alguns tratados de clinica psycho-pathologica, lêr as respectivas observações, dar nomes aos *casos*, imaginar dialogos mais ou menos animados, collocar tuco em espaços prolixamente descriptos:— e ahi surge o romance de uma hysterica, o calvario de um epileptico, a odyssia de um dipsomaniaco ou o pungente drama da luta entre as accções simultaneas das diversas personalidades que podem coexistir no mesmo individuo.

E' o processo do naturalismo, cujos documentos humanos já deram o que podiam dar. Degenerou em nossos dias na mania das conferencias, que, sendo realmente mais supportaveis porque são menos longas, nem por isso ganharam qualquer cousa de interesse verdadeiramente artistico.

Cassio entendia até que as conferencias literarias são os *pendants* intelle-

ctuaes dos improvisos longamente decorados, e quanto ás conferencias scientificas, essas, então, horrorizam sempre a quem quer que possua a minima parcela de bom gosto.

Boa memoria... Sim ; porque as conferencias lidas, quer literarias ou scientificas, tornam-se, então, simplesmente detestaveis. Boa memoria, portanto ; boa voz e bello aspecto :— eis os requisitos verdadeiramente indispensaveis ao bom exito de qualquer conferencista.

Já o escriptor dito naturalista não precisa de predicados tão raros no mesmo individuo :— bastam-lhe o saber ver e saber copiar bem as cousas repugnantes ou dolorosas.

— Então, — perguntava Cassio, — porque no mundo ha sempre lama, será forçoso que ella esteja sempre presente ao espirito, quando este se concentra nas faculdades creadoras ?

E respondia :

— Não, mil vezes, não ! Porque a

obra de Arte nunca deve ser um decalque nem uma photographia, mas, sim, um reflexo mais ou menos brilhante, refrangido pelo temperamento e pelo caracter do artista.

Assim pensando, Cassio poz mãos á obra, e no fim de um mez de elaboração e outro de composição e impressão typographica, estava prompto o seu livro sob o suggestivo titulo de *Caricaturas Sociaes*.

Dias antes de publical-o, Cassio, no cumprimento do que lhe parecera um dever, dirigira uma carta-circular á imprensa communicando o proximo apparecimento do seu trabalho e dizendo mesmo que nelle se tratava de assunto local, etc.

Mas a imprensa, no exercicio das suas nobres funcções actuaes, vendo que se não tratava da organização de uma nova firma social nem da abertura de

uma nova casa de negocio, ainda mais uma vez provou a Cassio que o jornal moderno é uma praça publica onde se não pode affixar cartazes sem se pagar os respectivos emolumentos ou estar-se nas boas graças dos donos da parede.

Cassio publicara o livro com o nome de CASSIO PAZ, sem receio, agora, de que lh'o invertessem, porque estava intimamente convicto de que quem lêsse o seu livro não teria coragem nem de fazer a inversão, nem de perpetrar um horrendo trocadilho.

Através de toda a acção, que era bem longa, não havia a menor nodoa de sangue nem a humidade da mais leve lagrima.

Havia apenas duas chaves falsas: — uma, symbolizada pela espada de um literato militar; outra, consubstanciada numa cedula de cem mil réis.

E se no meio da alacridade geral do

livro fulgurava o azulado relampago de
um adulterio, é porque a atmosphera
estava por demais carregada...

Mas era um relampago innocent,
como todos os relampagos de calmaria.



XII

VICTORIA!



XII



foi assim que o livro de Cassio Paz caiu como uma bomba inesperada, e estourou ruidosamente no meio da pasma-
ceira literaria da época.

O alarme foi geral em todas as fileiras, mas, para eterna honra dos beligerantes, dizem a justiça e a verdade que não se manifestou a minima ameaça de debandada.

Todos permaneceram firmes no seu lugar, porque... ahi era o seu lugar.

Mas, na boca dos curiosos e na constrengida physionomia dos caricaturados,

adivinhava-se facilmente a constante interrogativa :

— Quem é este audacioso iconoclasta, que tão valentemente vem solapar os pés de barro dos nossos grandes ídolos?...

— E' um *cavador*, — respondia este, que nunca suspeitara sequer a grande somma de sacrifícios materiaes exigidos pela publicação de um livro, numa terra onde ha carencia absoluta de editores que acoroçoem a producção artistico-literaria.

— E' um *cavador*, — respondia aquelle, que, aferindo o merito dos outros pelo seu proprio, não era capaz de imaginar que ainda pode haver alguem, nestes tempos de intenso mercantilismo, para quem a pura gloria literaria é a melhor moeda-recompensa do trabalho puramente intellectual.

— E' um *cavador*, — diziam aquelles que não sabem que nem todos os escritores estão dispostos a exercer a humilhante profissão intellectual de mascatas-literarios, que andam de porta em

porta a mendigar a compra dos seus trabalhos.

Adivinhava-se tambem que o ambiente social estava impregnado de frankas gargalhadas, embora de espaço a espaço o rasgassem alguns parenthesis abertos pelos risos amarellos dos despeitados.

Mas, a melhor pilheria em tudo isso, era o chalrar das gralhas trêfegas, que não perdem vasa para se adornarem com as alheias pennas...

— O livro é de Fulano, — dizia um.

— E' de Sicrano, — opinava outro.

O que é facto é que nem o Fulano nem o Sicrano protestava sériamente contra essa indigitação.

Vantagens da pseudonymia, que Cassio apreciava a seu modo.

Elle, de facto, não occultara o seu nome proprio ; mas, como o seu primeiro antigo sobrenome era inteiramente desconhecido, e ha muitas Marias na terra, dahi as vagas conjecturas formuladas.

A critica indigena, que talvez em-

mudecesse em presença de um nome estranho ao mundo das letras patrias, vivamente aguilhoada pelo mysterio do pseudo-pseudonymo, não pôde desconhecer a originalidade da concepção, a perspicacia psychologica, a feição de palpitarne realidade dos personagens, a maestria das descripções, a naturalidade e fluencia do estylo e o interesse artistico e social da obra que com tal valor se apresentara num meio tão refractario ás producções do espirito.

Estava, pois, satisfeita, plenamente satisfeita a sua grande aspiração intellectual, — que era provar de modo incontroverso que as suas idéas valiam por si mesmas, independentemente de qualquer prestigio que um nome conhecido lhes pudesse emprestar.

E' certo que quem tem talento acaba por aparecer, mas só quando esse talento está alliado a uma vontade disciplinada e forte.

Fóra disso, é difficult que o talento consiga romper através da densa atmosphé-

ra actual, constituida pela crassa ignorancia ou pela philaucia pretenciosa dos contemporaneos de quem o possue.

E' assim que se explica, na maioria dos casos, a justica da posteridade.

Não ha duvida que as mesmas razões podem ser invocadas, *mutatis mutandis*, para justificarem os ephemeros successos actuaes, mas estes, — digam o que disserem, — mais pesam na balança pessoal dos talentosos, porque, como lá diz o ditado :

Depois de burro morto...

Ora, Cassio não possuia um nome conhecido no mundo das letras; não fazia parte de nenhuma egrejinha de pedantes; não frequentava certas rodas; não era filiado a nenhuma escola literaria; não exercia nenhum cargo ou profissão que lhe angariasse obrigatorias ou espontaneas dependencias; não era rico para fazer rufar os tambores da ruidosa *réclame...*

Como explicar, pois, o seu successo, senão pelo intrinseco valôr das suas idéas ?!...

— Foi o escandalo, — insinuou alguem.

Mas... se o escandalo só o é pela verdade que elle encerra, então, mais justo seria dizer que foi a verdade a verdadeira causa do successo.

Cassio já uma vez dissera algures que ha illusões proveitosas e verdades nocivas, no que não foi original porque apenas repetira o que diz Julio Payot na sua *Educação da Vontade*; mas, como alguem lhe objectasse :

— E haverá effectivamente verdades nocivas ?...

... elle quedou-se perplexo como Jesus o ficara, quando Poncio Pilatos lhe perguntou :

— Que cousa é a verdade ?

Cassio tambem não respondeu, mas pensou de si para si que a mentira tem mais attractivos que a verdade, e que quando ella é despojada desses attractivos que constituem a sua força, torna-se, então, não só insustentavel como absolutamente insupportavel. Em ultima analyse, tanto vale cobrir a verdade com o diaphano manto da fantasia, como descobrir a mentira com o fulgôr resplendente da verdade.

Entretanto, reinava intensa agitação na cohorte dos caricaturados.

Havia conciliabulos entre os inimitáveis parédros do ridiculo...

Eram os ratos que pretendiam pendurar o guizo ao pescoço do gato, ou era o panurgico rebanho que se preparava para resistir ás investidas do lobo?...

Ninguem nunca o soube ao certo, mas o que é facto é que dentro de um mez

desapparecera de todas as livrarias o livro de Cassio Paz.

Já vimos que no dia em que principiou esta historia, havia sómente quatro exemplares á venda...

Desappareceram tambem no dia seguinte, absorvidos no mesmo successo em que se abysmara a tiragem completa.

Os conciliabulos produziram esse resultado surprehendente: — uma nova especie de confiscação.

O livro, como é natural, não podia ser inteiramente confiscado, porque já fôra distribuido a uma parte da imprensa, e alguns exemplares deveriam ter sido vendidos ao publico antes deste o conhecer, nem suspeitar sequer o successo que o esperava.

Então, os interessados, com o fim muito louvavel de neutralizarem o bom effeito que elle produzira, terminaram por acirrar a bravia canzoada literaria, que está sempre em condições de investir raivosamente contra as incautas ca-

nellas do proximo ; e um ou outro cão mais atrevido, quiçá mais esfaimado, encheu os ares de altos latidos...

O successo, apesar disso ou talvez por isso mesmo, ainda maior se tornou, porque, afinal, feitas as contas, se o livro de Cassio Paz era um osso duro de roer pela maioria do meio, apresentava-se, entretanto, como substancial alimentação para os mastins desaçaimados.

Em summa, a *ultima ratio* dos caricaturados fôra, pois, uma confiscação de nova especie.

Se assim procedessem sempre, todos os que têm qualquer interesse em suffocar as explosões do ridiculo por elles mesmos provocadas, — outro gallo cantaria nos pobres arraiaes da literatura actual.

Quantos talentos, que hoje vegetam ou dormem por ahi, sem meios de resistirem á inercia dos editores, não acordariam alacremente despertados pelo triumphal cantico desse gallo, que, infelizmente, ainda é a nossa *rara avis* ?!...

Mas... como não ha nada mais difficult do que encontrar-se, hoje, um só exemplar das *Caricaturas Sociaes*, Cassio já pensa em publicar a segunda edição, — correcta e augmentada.

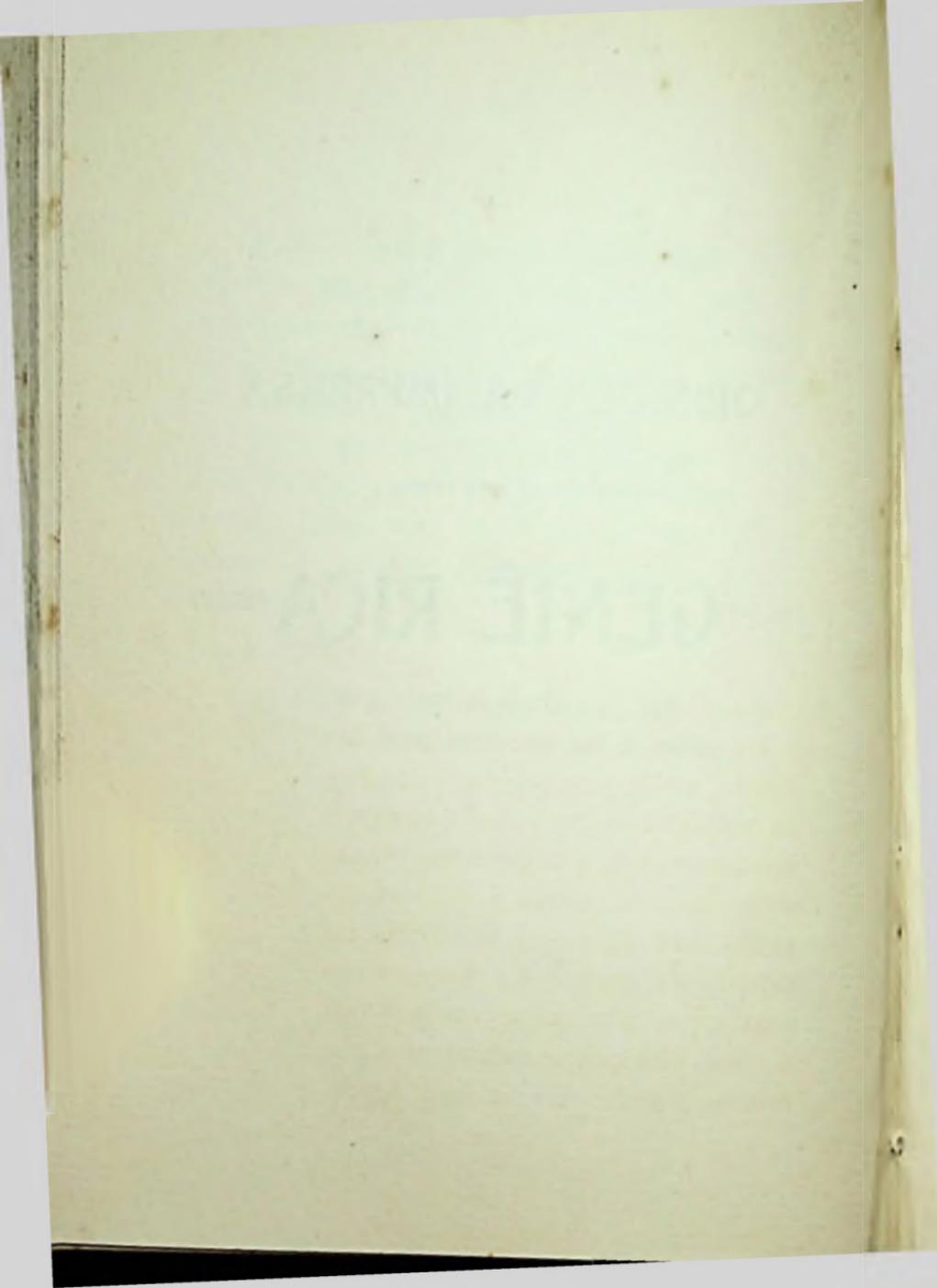
Pois, que venha ; e oxalá que o seu ulterior successo não fique áquem do primeiro, uma vez que no ar não vibra ainda o alegre cantar do gallo metaphorico.

*E assim o interessante Cassio Paz
Na roda pôde entrar da gente audaz.*

OPINIÕES DA IMPRENSA

SOBRE O LIVRO

--GENTE RICA--



Registro literario

Gente Rica, por JOSÉ AGUDO.

Subordinado ao titulo acima e com o sub-titulo de *Scenas da Vida Paulistana*, acaba de aparecer na capital do vizinho Estado um livro verdadeiramente original e interessante, esboço ainda de psychologia e de romance social, mas em que já se affirma um espirito de escôi e um escriptor de raça, quem quer que seja o sociologo e o estylista que se occulta no significativo pseudonymo de *José Agudo*.

Não conheço a fundo a sociedade rica de S. Paulo — terra que apenas habitei nos tempos da Academia e que de 1900 para cá só duas vezes visitei em rápidas excursões que não excederam de duas semanas; faltam-me, por isso, elementos para aquilatar da fidelidade representativa dos personagens a que o autor distribuiu os principaes papeis da comedia, consubstancialda nas 200 paginas do seu desopilante volume. Quero crer, porém, que sejam todos esboços magistraes, tal o metodo com que os enumera e alinha, os vicios e as qualidades que lhes attribue, a maneira por que os classifica, e o talento extraordinario com que os desenha. Devem ser todos tipos *syntheses* e figuras representativas do meio social em que se agitam e vivem, resumindo os modernos ideaes que o autor resume em: «*aprender sem estudar, enriquecer sem trabalhar, valer sem ter merito, ostentar sem conta, sem peso e sem medida*», florescendo exuberan-

temente em terreno propicio, onde predominam sobre tudo *a aancia de enriquecer, o gosto de esbanjar e o desprezo pelas bellas letras...*

A psychologia summaria dos 13 personagens reunidos na rua de S. Bento, para discutirem o projecto de estatutos da associação que recebeu o nome de *Mutua Universal*, constitue um capitulo interessantissimo e um dos melhores do livro; a circular distribuida pela directoria do *Showing-Club*, uma pagina de ironia e de *humour* que não podia ter saido da penna de um mediocre.

Todo o livro, lardeado de citações do conselheiro Accacio, cujo espirito parece pairar continuamente na atmosphera em que se desenvolve a acção do romance, é um esboço admiravel, traçado pelo pulso firme de quem naturalmente se revelará o futuro e adextrado colorista de um novo quadro de acabado desenho e de maiores proporções.

Em quanto espero a obra definitiva,
aqui ficam os meus applausos e os
meus parabens pelo ensaio, que já é
de mestre.

OSORIO DUQUE-ESTRADA.

Correio da Manhã (do Rio), 30 de se-
tembro de 1912

Gente Rica

(SCENAS DA VIDA PAULISTANA)

Com este titulo appareceu ha pouco
um livro de dusentas paginas, cujo
autor se denomina José Agudo.

No meio dos instantaneos que elle
traçou ligeiramente unidos entre si,
apresenta-nos picantemente satyrisados
alguns typos da alta sociedade pau-
listana.

Embora os exageros proprios do
estylo satyrico, a obrinha deixa no
leitor uma agradavel impressão, e em

muitos dos seus trechos sente-se que o autor, occulto no pseudonymo, se esforça em parecer-nos um principiante, quando é realmente um experimendado mestre.

O livro não é nem romance nem estudo, mas é escripto de tal modo que nos recorda os «*Banhos de Lucca*», de H. Heine.

Os personagens encontram-se, manifestam as suas opiniões, revelam a sua superficialidade e retiram-se. Ahi apparece um *Barão* que brilha como bemfeitor, mas cujos inquilinos sabem que depois de cada donativo sofrerão o augmento de dez mil reis mensaes, nos seus alugueis; vêm-se tambem os *Cavadores*, caçadores de dotes, que se dão o ar de terem sido os unicos propulsores do progresso de S. Paulo. Não falta o bacharel, que foi facilmente aprovado nos exames porque seu pai tinha muitos amigos e consequentemente muitos protectores; assim como tambem se nos apresenta

o jornalista em cujos artigos se percebe immediatamente quem melhor lhe paga.

Ha o Coronel que olha com desdém para toda a sociedade, ha o joven politico que ardentemente deseja ser eleito deputado, e finalmente dois «homens honrados», um que foi *capoeira* no Rio de Janeiro e casou aqui com uma mulher de costumes faceis, e outro que ganhou muito dinheiro e muita consideração á custa da belleza da sua propria mulher. Essa gente, a *gente rica*, reune-se para fundar uma *Mutua Universal*, projecto importante de atracção para que os papalvos, em numero infinito, escorreguem o seu dinheirinho para os cofre della... Entre aquella gente apparece um tal Juvenal Leme, tambem chamado *Juvenal Paulista*, que desempenha o papel de recto juiz. Para tudo emitte pareceres e exerce a sua critica; é, emfim, uma soberba figura. Segundo a sua opinião, os politicos brazileiros que tudo copiam

das outras nações, o bom e o mau, principalmente o mau, devem esforçar-se em alcançar originalidade, pois só com ella é possivel a verdadeira vida. E não seria muito difficult obterem essa originalidade. Ahi temos o jogo de todas as especies, por exemplo, que nada tem de original porque outros povos tambem jogam, mas o modo por que nós jogamos tem uma feição original, que pode ser applicada á politica. Desde que tudo nos serve de objecto de sorteio tambem poderíamos sortear os cargos de presidente e deputados, custando, por exemplo, o bilhete para sorteio da cadeira presidencial 50 contos de reis e o das cadeiras de deputados sómente 5 contos de reis. Todos que podessem pagar os bilhetes não deixariam de jogar, o thesouro encher-se-ia de dinheiro, e por fim só seria presidente ou ou deputado quem tivesse o que perder. Essas observações são feitas por Juvenal a todos as questões da

vida publica e economica, e através das suas mordazes ironias transparece claramente o amargor da verdade.

Quem é o autor desta satyra? Já muitos fizeram essa pergunta, mas a resposta por enquanto é apenas uma suspeita.

Em certos trechos lembra o estylo de apreciado jornalista, ao passo que outros não se compadecem com essa idéa; mas o que é certo é que o autor deve ser procurado aqui mesmo, em S. Paulo, no meio dessa mesma *gente rica*.

Traduzido de *Deutsch Zeitung*
(S. Paulo), 10 de Outubro de 1912.



Factos e cousas

Com a denominação de «Gente Rica», appareceu agora, editado pela typographia d' «O Pensamento», um livro que está causando ruidoso sucesso.

Trata-se de uma obra de critica do nosso meio, na qual um escriptor, que se oculta sob o pseudonymo de José Agudo, descreve, em alguns capitulos, certas scenas da vida paulistana.

Não constitue «Gente Rica» um trabalho original de literatura: os processos ahi adoptados são sobejamente

conhecidos, principalmente em Portugal, onde Fialho de Almeida os empregou com frequencia.

Em S. Paulo, todavia, parece-nos que não encontra simile a nova obra. A nossa indole pouco sarcastica, o temperamento pouco ironico dos nossos escriptores, sempre mais propensos a louvores do que a censuras, não tinha tido ainda destas expansões violentas. A critica de costumes, nesta celebrada «capital artistica», se algum dia existiu, não se fez claramente, em grandes desabafos pela letra de fôrma: exercitou-se naturalmente em surdina, nas palestras dos cafés e dos restaurantes, que são os pontos geralmente preferidos pelos retaliadores da reputação alheia.

Nestas condições, o livro de José Agudo teve o efeito, quasi, de uma bomba lançada, a subitas, entre gente desapercebida: veiu quando menos se esperava, e o seu exito, que se explica mais pelo escandaloso do as-

sumpto do que por outra razão qualquer, tem, assim, plena justificativa.

«Gente Rica», como obra puramente literaria, revela no seu autor qualidades por certo muitissimo apreciaveis. Não conhecemos, de perto, «a materia explorada» por José Agudo; ignoramos, quasi que absolutamente, se os factos aproveitados no desenvolvimento do livro são mesmo verdadeiros, fructos de uma observação acurada de longos annos; todavia, não pódemos negar, e ninguem o poderá decerto, ser o autor um espirito perspicaz, atilado, possuidor dum notavel tino psychologico.

Os diversos quadros de «Gente Rica» atestam eloquentemente este facto, pela naturalidade que tudo reveste, e pela feição de palpitable realidade que caracterisa todos os personagens.

Os capitulos «Ensemble», onde o autor estuda a psychologia dos «caça-dotes»; «Intermezzo» e «Variaze-

ne», em que satyrisa a mania das «mutuas», são magistralmente traçados, patenteiam um escriptor de fibra.

«Gente Rica» não é, com certeza (e nem o autor pretende que o seja) um trabalho perfeito: representa, antes, o esboço de um romance, que poderá ser ainda uma obra de muito valor, se, algum dia, fôr levada a efecto.

Para ser, já, um livro completo, seria, naturalmente, indispensavel a «Gente Rica» um fio menos tenue a ligar os quadros, que não formam, agora, uma unidade absoluta, um conjunto harmonico, como se deveria exigir duma obra que se apresentasse com pretensões a irrehrensivel.

Tal facto, que apontamos de passagem, não torna, entretanto, menos interessante a leitura da producção de José Agudo. «Gente Rica» é um livro que se pode ler de um só folego, sem tédio e sem canceiras.

Devemos assignalar que, para isto, tambem concorre, além do interesse que desperta o assumpto, o estylo simple e despretencioso em que o autor vassou as suas idéas. Porque, realmente, «Gente Rica» está escripto numa linguagem fluente, correntia, desataviada de termos rebuscados e que prende, de principio a fim, a attenção do leitor.

O portuguez, deixando de parte algumas formas, como «mais liberrima» (pag. 120), que, não obstante empregadas por Filinto, Castilho e outros, hoje são muito pouco communs, e ainda o feio gallicismo «um outro» — é sempre correcto, bem cuidado.

Em ultima analyse: «Gente Rica», com ou sem defeitos, demonstra, na pessoa que o pseudonymo de José Agudo encobre, um escriptor de raça, que, pela estréa, promette uma bella carreira literaria.

S. DE OLIVEIRA

Diario Popular (S. Paulo), 11 de Outubro de 1912.

Livros novos

Gente Rica é o interessante e curioso livro de José Agudo. Vivendo em um meio, como elle proprio o declara no *preludio*, onde os ricos figuram como protagonistas, procurou José Agudo apanhar alguns desses typos e delles tirar motivo para a sua obra. E conseguiu.

Numa linguagem escorreita e facil, o autor descreve algumas scenas da vida paulistana, revelando, ao par de uma fina observação, um espirito vivo, independente e espontaneo. Pela sua

penna firme e traquejada, corre sempre uma ironia picante que elle sabe perfeitamente applicar ás occasiões, si bem que ás vezes exagerando a dosagem...

Dentre as figuras estudadas na *Genre Rica*, salientam-se tres que mereceram de José Agudo mais acurada atenção: o Leivas Gomes, o Dr. Zézinho Lopes, o Juvenal Paulista, principalmente o Dr. Zézinho que é magnificamente representado por um typo de bacharel com todos os requisitos da futilidade e da incompetencia.

Não nos sobeja espaço para uma apreciação mais extensa. Aqui registrando os nossos agradecimentos pelo exemplar que nos enviou, felicitamos ao autor pela agradavel impressão que nos causaram as 200 paginas do seu livro.

Fon-Fon! (Rio), 30 de novembro de 1912.

Livros novos

JOSÉ AGUDO — «Gente Rica». Scenas da vida paulistana — São Paulo — Typ. do Pensamento — 1912.

Pamphleto? Satyra, especie de romance a *clef*? Não se pode bem definir o trabalho do Sr. José Agudo. A *Gente Rica* consta na realidade, de *scenas da vida paulistana*. Não tem fabula; é um pretexto para a descrição humorista de algumas personalidades ricas de S. Paulo. Visivelmente transparecem as pessoas que o au-

tor quer photographar, ridicularizar e combater.

Num prefacio engraçado, José Aguado (pseudonymo de um escriptor paulista) diz com ironia que a arte em geral trata dos pobres e miseraveis. Elogios da pobreza não faltam; ainda não se tentou o *Elogio da riqueza*.

O autor pensou em fazer a *Epopéa da abastança*; não pudera porque não é poeta e então fez este livro que, escripto por um rico, devia ser lido pelos ricos.

«Este livro é delles e para elles». E assim termina o prefacio: «Aceitai, pois, oh caríssimos ricos! este modesto producto dos meus ocios; e se delle gostardes como ouso esperar, melhor não pôde ser a recompensa da boa vontade com que o pensei e do grande amor com que o escrevi.»

O autor faz com que um personagem exalte a existencia dos pobres, necessaria para dar poesia á vida e destaque á riqueza. E accrescenta, com

ironia, que não ha uma obra prima da literatura tratando dos ricos. Como ironia isso vai; como critica, naturalmente não poderia ser sustentada.

Os *ricos* do Sr. José Agudo são caricaturas com traços de pamphleto. Assim reunindo na fundação de uma companhia de mutualidade os diversos typos que desenha, aproveita a reunião para dar as suas biographias... que biographias!

Ninguem alli enriqueceu com nobreza e ninguem é serio. Vê-se, portanto, que o Sr. José Agudo exagera com o seu pessimismo.

Em S. Paulo ha uma verdadeira mu tuomania. Numa das suas chronicas, para um jornal do interior, Juvenal Pau lista, o personagem mais sympathico do livro, já dissera «que S. Paulo é a patria adoptiva do café, dos viaductos, das sociedades mutuas e das caixas de pensões vitalicias».

O mesmo Juvenal fallando da politica diz que «tudo que é processo cor

ruptor posto em pratica pelas diversas nações antigas e modernas é servilmente imitado por nós. O eleitor já se vai convencendo de que o seu voto, é a cousa mais inutil do mundo. E aquele mesmo que vende o seu voto embora não o considere inutil de todo, tambem já se vai convencendo de que essa venda nada tem de original porque é uma das nossas muitas imitações.»

Ha allusões pessoaes no livro. Os nomes dos personagens e das actrizes que rejeitam presentes e os enviam ás esposas dos offertantes transparecem das iniciaes.

O livro é interessante e a descripção é fina, litteraria e sempre com arte o *ar* de romance que, afinal, não é.

Muito curiosa a psychologia do exito dos cinemas. Nos bailes, diz o Sr. José Agudo, os paes de familia gastavam mais; nas recepções não poderiam evitar os attrictos com os eter-nos descontentes. O cinema foi uma

grande solução. O cinema resolve tudo. Os chefes de familia não fazem as honras da casa; «as filhas solteiras divertem-se á vontade e arranjam facilmente noivos que vão pescar á saída das sessões e o luxo é sobejamente ostentado nos trajes, nas joias e nas melhores *localidades* dos salões dos cinemas.»

Jornal do Commercio (Rio), 10 de dezembro de 1912.

INDICE

	PAG.
Antes do principio	7
I — A Conquista	9
II — O Conquistador	17
III — A arena antiga	27
IV — Primeiros triumphos	53
V — O actual campo de batalha	79
VI — A armadura do moderno cavalleiro	97
VII — Um dos mais fortes inimigos	115
VIII — Combate sério.	131
IX — Contrastes e extremos.	143
X — Reacções e analyses	161
XI — Synthese.	185
XII — Victoria !	197
Opiniões da imprensa	209

